ANO VI

EDUCANDO

Revista

SOB OS AUSPÍCIOS

DA ASSOCIAÇÃO
DOS
PROFESSORES PRIMÁP
DE
MINAS GERAIS

MAIO E JUNHO DE 1945

ARQUIVO MINEIRO
N.º 227
Data 22/11/78
BIBLIOTECA

A DEFINIÇÃO DE PÁTRIA

Tôdas supõem um povo, de raça fixada, ou em formação, mas um povo: tôdas exigem uma terra, com fronteiras mais ou menos traçadas, exíguas ou amplas, mas sempre um certo e determinado território, nenhuma dispensa unidade de govêrno, monárquico ou republicano, autocrático ou democrático, mas sempre unidade de instituições políticas; cada qual implica a comunhão de um idioma, primitivo ou culto, não importa, mas sempre unidade de lingua; nenhuma há sem tradições, e nenhuma se compreende sem ambições e esperanças.

A Pátria é, pois, a comunidade da terra e da gente, das intituições e da lingua, das tradições e do futuro.

A. DE SAMPAIO DÓRIA

EXPEDIENTE

"EDUCANDO"

REVISTA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICO-PEDAGÓGICA

Registrada no DI P sob o n. 14.604

*

Direção e Redação
MARIETA LEITE

Gerência
LEONILDA S. MONTANDON
ZEMBLA PINHEIRO CHAGAS
Rua Bernardo Guimarães, 2.200
Fone — 2.0267
Colaboradores diversos

*

Assinatura (12 ms.) . Cr $25,00
Assinatura especial para sócio da Associação Cr $20,00
Número avulso . . . . Cr $ 3,00

*

Caixa Postal, 354
BELO HORIZONTE

SUMÁRIO

A definição de Pátria — A de Sampaio Doria 909

Bibliotecas infantis — Trabalho da Bibliotecária — Anita Fonseca . . 911

Economia e paz conjugal (Conferência pronunciada na "Semana das Mães em B. Horizonte) . . 915

À Arvore — Ricardo Gonçalves . .

Resto de Queimada — Vinicius Meyer . . . . . .

O Metodo global no ensino da leitura — Marilia da Conceição Dell'Areti Lima 921

Elucação física — Diumira Campos de Paiva 923

O ensino ortografico — Ortografia Gramatica — Leonilda S. Montandon 925

Biblioteca "Ondina Brandão" anexa à Escola Infantil "Delfim Moreira" — Cordélia Queiroga 928

Página de informação — Contribuição das zonas brasileiras para a riqueza nacional (A Pedido) 931

O servo fiel — Mariléo 933

Escola Superior de Veterinária do Estado de Minas Gerais 937

BIBLIOTECAS INFANTIS

O TRABALHO DA BIBLIOTECÁRIA

Anita FONSECA

Dentre as instituições escolares que maior impulso vêm tomando em nossos estabelecimentos de ensino primário, destacam-se as Bibliotecas, notadamente as infantis.

Conscientes as professoras do auxílio que prestam ao trabalho das classes, ao desenvolvimento dos programas de ensino e do papel que desempenham na educação da criança, não têm poupado esforços para dotar suas escolas de tão útil instrumento de cultura. E' assim que em recente estatística, se pôde apreciar o progressivo aumento das bibliotecas em nossos educandários.

Se consideramos devidamente os benefícios que uma biblioteca bem orentada pode trazer às crianças, mormente nas localidades onde não possuem outros meios de cultura que o grupo escolar, é para aplaudir-se tôda iniciativa tendente a aumentá-las e aparelhá-las melhor.

Como instituição escolar, possuem as bibliotecas objetivos próprios, algns dos quais julgamos necessários lembrar, embora já conhecidos dos professores:

1) auxiliar ao trabalho dos professores mediante leituras complementares, indicadas por êstes;

2) suprir as deficiências do professor, incentivando no aluno o amor à leitura caso aquêle não o faço;

3) atrair as crianças a um centro intelectual para afastá-las das más companhias e dos vícios;

4) educá-las no sentimento de responsabilidade e do cumprimento do dever;

5) ensiná-las a construir a sua própria cultura.

As Bibliotecas não constituem, pois, luxo nas escolas, nem é a sua função meramente decorativa.

Concém terem os professores sempre em vista os objetivos citados e envidar esforços no sentido de realizá-los, senão totalmente, pelo menos em grande parte.

De três fatores depende o êxito de uma biblioteca:

a) Da instalação e aparelhamento: mobiliário, livros, etc.;
b) Da organização e funcionamento;
c) Da bibliotecária responsável pela sua direção.

Não nos ocuparemos dos dois primeiros, uma vez que ambos estão subordinados ao terceiro, isto é, à bibliotecária. Desta, não seria exagero afirmar, depende, em grande parte, a eficiência da instituição.

Referimo-nos particularmente às encarregadas das bibliotecas

infantis, visto que as crianças necessitam ser orientadas em suas leituras, por lhes faltar o discernimento necessário para a escôlha judiciosa dos livros que vão ler.

Esta simples referência põe em relêvo o papel que exerce a bibliotecária num estabelecimento de ensino. Suas funções não devem limitar-se ao mero registro de entrada e saída de livdos. Antes articulam-se com o trabalho de tôda a escola, auxiliando eficazmente os professores e alunos no desenvolvimento dos programas de ensino. Para exercê-las com eficiência, necessita a bibliotecária possuir cultura geral, entusiasmo e amor ao trabalho, qualidades de iniciativa e sociabilidade, conhecimento da literatura infantil, da pedagogia e da psicologia da criança, pelo menos em suas linhas gerais. Tais requisitos lhe permitem realizar uma atividade verdadeiramente útil e proveitosa no ambiente escolar, quer proporcionando ao aluno o livro, a gravura, a poesia e as informações que necessita no preparo de suas tarefas diárias, quer guiando-os em suas leituras conforme seus gostos e interêsses, quer observando suas tendências, corrigindo defeitos e formando bons hábitos.

.. É-lhe indispensável conhecer todos os livros da biblioteca e estar em dia com as publicações mais recentes, afim de informar quais as obras que convém a determinado leitor e quais as que devem ser adquiridas, tanto as literárias, como as de gênero informativo e científico.

Em dois aspectos se divide o trabalho de uma bibliotecária: um de ordem material e outro de ordem técnica e educativa.

Quanto ao primeiro citaremos a aquisição de livros, sua conservação, encadernação, consêrtos, etc.; a ornamentação de modo a torná-la agradável e atraente, o arranjo do mobiliário e a sua conservação; o registro e a catalogação dos livros, o arranjo do fichário de impressos para empréstimos, etc., etc.

Nesse trabalho poderá ser auxiliada pelas professoras de trabalhos manuais e mesmo pelos alunos do 4.º ano.

A segunda parte, de ordem técnica e educativa, como dissemos, é a mais importante e é onde a bibliotecária revela seus conhecimentos, sua aptidão didática e sua alma de educadora. Portanto, exige preparação conveniente, afim de que possa ser realizada com êxito.

A título de sugestão vamos lembrar algumas atividades concernentes ao trabalho da bibliotecária e que esta poderá realizar na vida diária da escola:

a) selecionar os livros, afim de que preencham as finalidades visadas pela sã literatura: arte, recreio, elevação do espírito, inspiração, informação, aquisição de experiência, etc..

Êste item merece um ligeiro comentário. Frequentemente surgem no mercado livros e mais livros de literatura infantil. Nem tôdas essas obras, porém, são inspiradas no amor à criança, ou em um ideal educativo, servindo, muitas vêzes, a interêsses secundários.

Constituidas as leiauras em estímulo que operam na vontade da criança, levando à mente infantil imegens, pensmentos que aí se ficam gestando para manifestar-se depois em tendências quase sempre nocivas, impõe-se uma escôlha criteriosa dos mesmos. Nesse caráter,

encontramos livros e revistas que, exaltando apenas a imaginação das crianças, não apresentam nenhum estímulo positivo que auxilie e fortaleça os princípios de uma sã educação. Por outro lado, a imaginação quando não controlada e dirigida inteligentemente na criança, torna-se perigosa.

A propósito, o eminente psicólogo Raumsol em importante estudo que faz sôbre o tema, previne dos efeitos da imaginação, definindo-a como "imagens em ação, imagens que se movem dentro da câmara mental à simples evocação do pensamento, e afirma:

"Ela é um magnífico ampliador dos pensamentos, idéias, etc., porém amplia tanto as imagens que as deforma, fazendo-as aparecer, ao serem transmitida mediante narração verbal ou escrita, completamente desfigurada, a tal ponto que, da verdade que houvesse nelas, sómente restariam alguns vestígios difíceis de descobrir. A imaginação encontra sua expressão na gente ignorante, que apela para ela na crença de poder suprir as deficiências de sua escassa educação e não menos escassa inteligência, enquanto nas pessoas ilustradas (salvo alguns casos) é sofreada pela razão e tamizada pela inteligência."

Nenhum professor ignora que a criança é um ser imaginativo, justificável pelo incipiente desenvolvimento de suas faculdades discernitivas e falta de conhecimentos, o que muitas vêzes faz criar o tipo do mentiroso.

b) Poderá a biblioterária colaborar com as professoras no desenvolvimento dos clubes de leitura, auxiliando os alunos na escolha e preparação dos trechos que devem ler nas sessões, nos auditórios, na realização de palestras, bem como na preparação da matéria para as provas mensais e os testes;

c) Promocer concursos entre os alunos para suscitar-lhes o amor à leitura; graduar e dirigir a leitura nos primeiros anos, estabelecendo turnos, afim de que todos posam ler, pouco a pouco, a maior parte dos livros aconsedhados para cada série. Para que a frequência à biblioteca se faça em boa ordem, deverá executar o horário organizado pela técnica-assistente ou pela diterora, onde não houver orientadora. Para as crianças do primeiro ano que ainda não sabem ler, poderá realizar na biblioteca ou nas classes, a hora de histórias, em colaboração com as professoras, bem como organizar coleções de gravuras adequadas ao fim e adiantamento dos alunos.

Deve também inteirar-se dos resultados que os alunos vem obtendo com as suas leituras, por meio de perguntas, observações, fichas, etc., afim de promover, o mais possível, o seu desenvolvimento; organizar gráficos individuais e coletivos e apresentar relatórios sôbre os trabalhos da Biblioteca.

No que respeita às professoras, é estimável o serviço que a bibliotecária pode prestar-lhes, quer informando-as sôbre as obras pedagógicas e didádicas mais modernas e valiosas ao aumento de sua cultura magisterial, quer colaborando com elas na execução de projetos e outros trabalhos de classe, fornecendo-lhes os livros, gravuras, revistas e outras informações de que necessitam, e preenchendo, destarte, a sua principal

função que é a de auxiliar a regente de classe no desempenho de sua árdua missão.

As sugestões que acabamos de fazer se referem ao trabalho da bibliotecária dentro do estabelecimento. Entretanto, sua ação poderia estender-se, sempre que as circunstâncias o permitam, fora dos âmbitos da escola, criando-se, por exemplo, uma secção para os ex-alunos do grupo, os quais poderiam continuar beneficiando-se com leituras úteis e onstrutivas, ao invés de perder o tempo em diversões nocivas.

Essa obra seria realmente útil e valiosa, notadamente nas localidades onde as crianças não dispõem de outras meios de cultura que a escola primária.

Com o exposto, delineamos alguns aspectos de um proveitoso trabalho que se pode realizar em uma escola. Ontros, entretanto, existem que o bom senso, a inteligência e o entusiasmo das professoras queiram acrescentar.

Nos estabelecimentos onde, por esta ou aquela causa, ainda não exista biblioteca geral, as professoras poderão suprir essa falta, organizando bibliotecas de classe e procurando, na medida do possível, alcançar os objetivos da instituição. Uma estante de parede com uma dúzia de bons livros em cada classe oferecerá oportunidade a que se faça valiosa intercâmbio entre os alunos, pelo empréstimo de livros de uma o outra classe de clubes, leituras em comuns, etc., sessões realizando-se, dessa forma, um trabalho eficiente e proveitoso.

Contou-nos uma professora do 4.º ano que não existindo Biblioteca Infantil na escola em que lecionava, fundara uma em sua classe e, dado o interêsse que despertou nos alunos, foi o seu movimento intensivo durante todo o ano letivo.

Ao término do curso, as crianças organizaram um interessante auditoria de despedida e ofereceram ao Grupo Escolar os livros que adquiriram com os seus esforços e os da professora. Três anos depois, recebia esta uma carinhosa cartinha de um ex-aluno, contando-lhes seus sucessos literários no ginásio que cursava, e, com palavras agradecidas, lhe dizia: "E a quem devo eu o meu progresso e os meus triunfos literários ? À senhora que soube despertar em mim o amor à literatura."

Vira, assim, a professora bem compensados os seus esforços, tendo alcançado plenamente alguns dos objetivos das Bibliotecas Infantis já citados, e não duvidamos de que experiências como estas sejam comuns em nossas escolas.

***

Libertando o homem da ambição de conquista e predomínio, e instaurando nêle o espírito de cooperação e de serviço, de altruísmo e de sacrifício, tornará impossivel a guerra e assegurará do mesmo passo, a paz

DE LEONI KASEFF

Economia e Paz Conjugal

(Conferencia pronunciada na "Semana das Mães" em B. Horizonte)

Alaíde Lisboa de OLIVEIRA

Nem mesmo saberemos explicar por que razão não nos furtamos à audácia de aceitar o convite que nos fêz o Revmo. Padre Alvaro Negromonte de falar na Semana das Mães: desejo de colaborar, sugestão do tema... não sabemos justificar-nos.

Procuraremos manter-nos à altura do convite; tentaremos fazer uma exposição, tão clara quanto possível, do assunto, formulando votos para que seja também proveitosa.

Obedeceremos ao seguinte plano:

1.º — Noção ou consciência da economia.
(Casos típicos de mulher em face da economia).
2.º — Influência da falta de economia da mulher no ânimo do marido.
3.c — Tipos de maridos a serem enfrentados (em relação à economia).
4.º — A personalidade em face da economia.
5.º — A paz conjugal.
6.º — Conclusões. (O plano é grande mas os tópicos são pequenos).

NOÇÃO OU CONSCIÊNCIA DA ECONOMIA

Falar sôbre economia, do ponto de vista especulativo apenas, de nada nos valeria. Vamos procurar fazer sentir o que seja e o que não seja economia através de exemplos ou de fatos.

Parece que é um mal um pouco mais feminino do que masculino o gastar mais do que se pode ou do que se deve. Mas o que é interessante é que cada uma de nós se julga, individualmente, muito econômica. E é humano que assim seja: os nossos desejos são sempre ilimitados e porque só satisfazemos a uma parte dêles, avliamos o nosso espírito de economia pela parte insatisfeita e não pela parte satisfeita. Passando a mulher pelas vitrines da cidade: vê bolsas, peles, lengeries, roupas de crianças, bijouterias, etc.; se o seu desejo de comprar é 100 e as suas aquisições forem a 10 conclui ela, naturalmente, não que gatou 10, mas que economizou 90. Já os maridos fazem o inverso: não vêem os 90 de economia mas apenas os 10 de gastos. E a verdade é que nos 10 de gastos só 1 talvez fôsse necessário.

O que é comum acontecer, também, é cada mulher ter uma válvula escapatória para satisfazer a uma tendência quase instintiva de gas-

tar: cada uma tem o seu fraco; cada um tem a sua tentação: ou os cristais, ou os vestidos, ou as jóias, mobiliário, linhos... A mulher em geral é "gastadeira" de modo mais unilateral de que geral. — Conhecemos uma senhora que se considera muito econômica e no entanto ela talvez não saiba que tem um fraco: os linhos bordados. Embora equilibrada no resto das despesas, não desconfia que essa mania lhe desiquilibra o orçamento.

De situação financeira média, possui ela uma quantidade de toalhas de mesa, de chá, panos bordados, etc., que em poucas casas de milionários haverá igual. Mesmo nesses gastos, ela se julga econômica, analisando de forma negativa a despesa: Exemplo: ela não precisa absolutamente de toalha de chá bordada, porque já tem às dúzias. Mas acontece que ela é informada de que uma bordadeira de Belo Horizonte, lhe faria determinado trabalho por Cr $250,00, indo a Sabará encontrará outra bordadeira que lhe cobraria Cr $180,00, e então ela conclui: vou fazer uma toalha de chá em Sabará para ganhar Cr $70,00. Economia dialética... Os 180,00 mais o preço do linho desaparecem, e cresce em seu espírito a glória da economia de Cr $70,00.

E assim são mais ou menos tôdas as mulheres. Quando os caixeiros, principalmente agora, começam com aquela arenga: "leve mais essa fazenda, Madame, essa é de peça antiga, custa apenas Cr $30,00 muito barata, a peça nova, na próxima semana, já custará Cr $40,00. E então Madame compra a fazenda, sem precisar, para economizar 10,00 no metro.

E as mulheres que têm mania de dar presente?

Conhecemos uma, casada com um senhor que vive de seus vencimentos. Ela é modesta em tudo, no trajar, nos hábitos de vida e muito trabalhadeira. Mas vive presenteando as relações tôdas. Quando dá presente em uma casa é à família inteira.

Há ainda o tipo de mulheres antieconômicas por descuidadas ou preguiçosas, os gastos em casa não têm proporção com o confôrto — o dinheiro some e não se vê para onde foi.

Há muita desorganização de lógica de certas senhoras, em relação à economia. Por exemplo: uma senhora de equilibrada situação financeira tinha excessivos caprichos de gastos, como o de substituir o seu mobiliário de sala de jantar sempre que a moda aparecia com aquelas inovações nossas conhecidas: hoje com metal, amanhã simples, depois envernizadas, depois apenas enceradas, etc. Pois bem, essa senhora tinha 2 filhos: um se chamava Gilberto, outro Antônio. Se ela ia passar um telegrama de parabens a um parente, unia o nome dos meninos: GILTÔNIO, para pagar uma palavra só...

Nós sabemos também que há senhoras que discutem com o vendeiro para obter uma diferença de Cr$0,30, na compra pela manhã e que à tarde vão à cidade e adquirem uma bolsa de Cr $900,00.

O que é preciso, é ter a consciência da economia e não ser mesquinha... Um caso típico: — quando veio a crise, aumento de preço de vida, um milionário que dava a uma instituição beneficente a mensa-

lidade de Cr $10,00, procurou o Secretário da instituição e mandou passar a Cr $5,00 a sua mensalidade, alegando que a vida estava cara. Nessa mesma ocasião um senhor, de finanças normais, avisava a tôdas as instituições de caridade que aumentava a sua mensalidade porque a vida encarecera. E felizmente nós compreendemos que o milionário, foi mesquinho e que o homem de finanças normais possuia o verdadeiro espírito de economia.

Aqui nós podemos lembrar um anúncio de rádio que começa assim: "Economizar é saber gastar."

O espírito de economia está ainda na previdência, sem o que o equilíbrio financeiro pode ser atingido de uma hora para outra. Sirvanos o exemplo das Virgens prudentes do Evangelho: "Que não nos surpreenda a noite sem que tenhamos azeite para as lâmpadas!

Prudênica e *bom senso* duas belas qualidades proteroras da economia. Mas às vêzes a gente até pensa que o bom senso vai desaparecendo da terra.

Parece que nada mais nos espanta nesse século. Há pouco tempo uma senhora se mostrava radiante porque o marido (que devia ser da mesma espécie da mulher) lhe dera no aniversário uma jóia verdadeira de Cr $12.000,00, imitando falsa, porque agora é essa a moda; e nas estações de águas ou cidades de veraneio as mulheres que se presam de ser granfinas devem usar jóias assim.

O mundo chega a um tal requinte de tolice, que se não houver reação, não sabemos onde irá parar. O pior é que o mal é tão contagioso que é bem possível que cheguemos, nós mesmas, a exibir, por aí, anéis verdadeiros initando os falsos. A virtude com ares de hipocrisia.

INFLUÊNCIA DA FALTA DE ECONOMIA DAS MULHRES NO ANIMO DO MARIDO

Os gastos excessivos da mulher exercem influências variadas no ânimo dos maridos,- influência quase sempre perturbadora da paz fa miliar.

Alguns se tornam irritados. Às vêzes sem que êles percebam a causa verdadeira, tomam uma como aversão à mulher, e já vêem as outras qualidades que a ornam, porque a necessidade de lutar, desesperadamente, para cobrir as despesas de casa transtornaram a sua mentalidade e o lar se transforma num verdadeiro inferno.

Outros se tornam apáticos: incapazes de cobrir as despesas não se animam, nem a reagir contra os gastos, nem a lutar fora para reajustar as finanças. E à medida que o tempo passa, a situação se agrava.

— Outros são sacrificados inconscientes, adoram a mulher e querem satisfazer todos os seus caprichos, e então trabalham 24 horas por dia, produzem, produzem, produzem, contanto que possam satisfazer as exigências da cara metade. Vivem longe de casa, e a paz é quase um mito, porque não há tempo para usufruí-la!

— E agora, talvez os casos mais graves para a consciência de uma mulher gastadeira. Os maridos que, querendo cobrir as despesas

extraordinárias, recorrem a meios ilícitos, fazem negócios desonestos. Quandos às vêzes ouvimos dizer: "que pena! aquela senhora tão distinta, tem um marido que não é sério nos negócios", ficamos pensando se aquela mulher distinta terá consciência da sua culpa.

TIPOS DE MARIDOS A SEREM ENFRENTADOS EM RELAÇÃO À ECONOMIA

E' verdade que mulheres equilibradas têm de enfrentar às vêzes homens desequilibrados do ponto de vista econômico: gastadores êles mesmos, deficitários, desajeitados nos negócios, preguiçosos, mesquinhos, grosseiros.

Ainda não há muito tempo foi presenciada a seguinte cena: A espôsa pedia Cr $10,00 ao espôso para as despesas de casa, carne, e outros gêneros. Quando êle já estava saindo de casa, ela lhe disse delicadamente: "Você se esqueceu de deixar o dinheiro". E o marito, já no portão, voltou-se rancoroso e atirou a nota ao chão e foi-se embora. E a sendora comentou com a testemunha casual do fato: "se não fôsse pelos filhos eu não iria pegar"... E nós sabemos que gestos como êstes são capazes de desmoronar um lar...

Em casos de maridos grosseiros, mesquinhos, deficitários, gastadores — o que pode a mulher fazer é tentar reeducá-lo.

E não será difícil o trabalho de reeducação, se houver boa vontade, principalmente de parte a parte. O homem reconhecendo sua deficiência, apoiado na mulher, vencerá certamente. Enquanto a reeducação não se faz, a mulher terá que compensar as falhas com cuidados dobrados de prudênica econômica e encher-se de resignação cristã.

Mas acreditem: O casamento é que pode completar a educação do homem, sobretudo quando a mulher se entregue à tarefa com amor e pode contar com a afeição do marido. "O amor é a plenitude da lei" disse São Paulo.

A PERSONALIDADE EM FACE DA ECONOMIA

Parece fator importante no bom senso de vida da economia, a personalidade da mulher — e do homem também — personalidade no sentido de ser pessoa capaz de viver normalmente, de acôrdo com a sua realidade e não de acôrdo com a realidade das famílias amigas ou vizinhas: Minha amiga tal faz estação de águas todos os anos, eu também tenho de fazer. A minha vizinha, cujo marido ganha menos do que o meu, tem bolsa de crocodilo, eu também preciso comprar uma. A senhora tal, das minhas relações, pôs a filha no Colégio de luxo, eu não vou por a minha no Grupo Escolar.

O dinheiro que apareça, vindo de que jeito fôr, para vencer as despesas.

E no entanto é tão bom a gente ser apenas aquilo que é. Ser capaz de ter amigas ricas, — desde que haja afinidade de sentimento — sem se deixar impressionar pelos rodapés do mármore de sua casa ou cou-

sas que o valham. Ser capaz de recebê-la na simplicidade de um lar, sem se acanhar da modéstia da mobília, que não é de embuia, ou das louças, tão longe das porcelanas Rosental.

A riqueza alheia não deve influir na nossa maneira de ser.

PAZ COJUGAL

Já vimos como pode ser ferida a paz conjugal antes mesmo de analisar essa paz.

Se andarmos pelos dicionários em busca do sentido da palavra paz encontraremos entre outras cousas o seguinte: Webster. Harmonia nas relações humanas e pessoais, mútua concordância — amizade — E ainda estada espiritual e mental que é livre de inquietudes e perturbações como o medo, paixões agitadas, conflito moral.

Paz igual a concórdia. (Pequeno dicionário).

Paz: boa harmonia na convivência da família, tranquilidade de espírito. (Morais).

Paz: tranquilidade da alma — união — concórdia. (Larousse).

E nós concluimos então: a paz conjugal implica atitudes harmoniosas — e espírito tranquilo.

Não nos interessa uma paz aparente, fictícia mas a paz integral-completa.

O marido que faz negócios ilícitos para dar confôrto ou mesmo luxo à casa, não pode gozar da verdadeira paz conjugal. Será um desajustado.

Outro fator para a garantia de paz conjugal efetiva, é a *lealdade* entre os esposos — essa lealdade é necessário sob todos os aspectos — mas nós a comentamos aqui relacionada com a economia.

Há senhoras que absolutamente não têm a menor idéia dos negócios do marido, da prosperidade ou decadência de suas finanças. Não compreendo de que modo poderá esta senhora ajustar o orçamento da casa ! Não tem ela um ponto de partida, uma base em que firmar as despesas.

Seja essa atitude do homem uma defesa contra mulheres desiquilibradas financeiramente, ou defesa dos próprios deslises, não pode ser justificada, e perturbará profundamente a paz conjugal, se fôr preciso o reeduque êle a mulher.

Às vêzes por culpa de maridos temos visto também mulheres comentarem atos de deslealdade injustificáveis: precisando de dinheiro e contando certas de que não serão atentidas pelo marido, recorrem a meios artificiais — formam por exemplo o hábito de esconditamente tirar dinheiro das carteiras. Há o que ainda é pior: combinam com os empregados ou costureiras para cobrarem mais dos maridos e lhes dar o restante. A costureira recebe Cr $100,00 do marido por um feitio de vestido e devolve e espôsa 20,00 cruzeiros. Nós sabemos que são meios de defesa, mas bem lamentáveis.

CONCLUINDO

Todos êsses desiquilíbrios, são consequência de que ? falta de espírito cristão que ensina a honestidade, a retidão, a simplicidade.

E nós vamos assumir, nós mulheres a responsabilidade maior no que houver de errado e de perturbador na paz conjugar. Vamos seguir o conselho de São Pedro que na sua primeira Epístola nos manda ganhar os maridos para Jesus Cristo, pela nossa conduta. Ela nos aconselha: "que o nosso enfeite não seja o exterior: cabelos trançados com arte, ornamentos de ouro, requinte nas vestes mas conste de adornos do ser escondido do coração, pela pureza incomparável de um espírito doce e pacífico.

Diz Santo Agostinho:

— "O Eclesiástico nos recomenda 3 cousas excelentes e dignas de nossa atenção:

A concórdia entre os irmãos, o amor do próximo, e um marido e uma mulher que só tenham um coração e uma alma."

E como todos nós desejamos a paz conjugal ! Quem sabe se ouvindo Santo Agostinho nos chegaremos a alcançá-la:

Diz o grande Santo:

— "Amar a paz é possuí-la". Quanto custa êsse tesouro que basta amar para possuí-lo ?

Não tendes necesidade de dinheiro para comprardes aquilo que amais, não precisais procurar um protetor para obtê-la. Ficando onde estais amais a paz e imediatamente tereis o que amais. A paz é um bem do coração, e vós não dais a paz a vosos amigos como lhes dais pão. Se quiserdes repartir vosso pão a parte de cada um será tão menor quanto mais numerosos forem os que participam da divisão. Mas a paz, é semelhante ao pão que se multiplicava entre as mãos dos discípulos do Senhor à medida que êle o partia e distribuia".

Quer dizer que amando a paz nós a teremos com fartura para dar ao nosso espôso e aos nossos filhos e estendê-la ainda mais e mais. Basta para isto que recebamos não o espírito do mundo mas o espírrito que vem de Deus."

INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

Prof. Hilton Rocha

Catedrático da Clínica Oftalmológica da U.M.G. Livre-Docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil

Dr. Pinheiro Chagas

Oto-rino-laringologista do Instituto Raul Soares e Hospital São Francisco de Assis

Consultas diárias de 3 ás 6

Edificio Cine Brasil — Salas 608 a 614 — Telefone, 2-3171

O método global no ensino da leitura

Há muita gente que ainda põe dúvidas quanto à excelência do método global, em comparação a outros, para o ensino da leitura.

Mas para muitos esta dúvida já não existe. E não existe simplesmente porque os resultados do processo, quando verdadeiramente aplicado, não surpreendentes.

Para exemplificar, publicamos a seguir seis composiçõezinhas, tomadas ao acaso entre muitas que conhecemos. São redações de crianças de primeiro ano, alunos da professora Dagmar de Araújo Lima, das Classes Anexas à Escola de Aperfeiçoamento e que se utilizou com proficiência do método global.

As composições foram feitas em classe, a nossa vista e vão sem correções.

O primeiro cartaz de leitura fôra apresentado à classe em 12 de março.

As composições trazem a data de 12 de junho.

Como se vê, pois, em menos de quatro meses, essas crianças aprenderam a ler, a interpretar e a compor.

Se na rapidez êle puder ser igualado por outros, cremos que não o seja na consecução de outras qualidades, como a interpretação e a composição que constituem, sem dúvida, a verdadeira significação do ensino da leitura na escola primária.

E' mais por essas últimas razões que o método global é aconselhável e, pelos exemplos abaixo, vemos quão êle consegue admiràvelmente o seu objetivo: o ensino de leitura interpretativa.

A MENINA

Era uma vez uma menina.
Ela era uma menina muito boa.
Um dia ela foi passear com sua mãe e viu muitos patos e cachorros, depois foi para casa e vive muito feliz.

ANA LUIZA GERSPACHER BAETA NEVES.

LILI E OS GATINHOS

Lili vai tirar o doce de abacaxi para os gatinhos.
Êles são 7.
Êles são muito alegres.
Lili gosta muitos dos gatinhos.
Êles gostam da Lili e da Mamãe.

MARILIA DA CONCEIÇÃO DELL'ARETI DE LIMA.

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

A VACA DE JOÃOZINHO

A vaca gosta de Lili !
A vaca comi capim.
Joãozinho tem uma vaca.
A vaca quer passear no automóvel de Joãozinho.
Joãozinho e Lili gostam de vaca.
A vaca de Joãozinho é bonita.

FERNANDO DE LACERDA ÁLVARES.

A LILI E A CASA

Lili tem uma casa.
Ela tem um piano.
Ela toca piano.
Lili faz doce de coco.
A casa de Lili é amarela.

HÉLCIO MÁRIO DE CARVALHO.

JOÃOZINHO E SUZETE

Eu gosto de Suzete !
Suzete gosta de doce de abacaxi.
Suzete é a cachorrinha.
A cachorrinha gosta de mim.

Belo Horizonte, 12 de junho de 1945. — JOSÉ GABRIEL BARCELOS CORRÊA

O CACHORRINHO DE JOÃOZINHO

O cachorrinho chama Pepito.
Lili gosta de Pepito.
O Pepito passeia no automóvel.
Suzete você gosta de Pepito ?
Pepito gosta tanto de abacaxi !

Belo Horizonte, 12 de junho de 1945. — EDMÉIA MARIA CARVALHO SILVEIRA.

CALÇADOS FINOS ? COMPREM NA
CASA BRISTOL
PRAÇA 7 (ao lado da LIVRARIA REX)

Educação Física

Diumira Campos de PAIVA

CONTINUAÇÃO

VARIAÇÕES DA MARCHA

Em círculo:

A classe estando formada em círculo, manda-se numerar. Ao comando:

1 — Números pares (impares) formar o círculo interior.

2 — Marche!

Os números pares (ímpares) mudam de direção, com meia volta para o interior do circulo e formam um outro círculo, marchando em sentido opôsto ao dos números ímpares(pares).

1 — Reformar o círculo.

2 — Marche!

Os números pares (ímpares) retomam seus lugares no círculo primitivo.

Em espiral:

Ao comando:

O aluno número um (testa) avança formando uma circunferência cujo raio decresce progressivamente; chega a formar uma espiral cujo centro êle mesmo ocupa. Para desenrolá-la o mesmo aluno contra-marcha à direita ou à esquerda, pelo espaço livre, continuando a evolução em linha reta.

Em zig-zag:

Os alunos formados em coluna por um, segeuem o chefe da fila que marcha descrevendo linhas sinuosas, semelhantes a um zig-zag.

Formam o oito:

1 —A' direita (ou esquerda) formar o oito.

2 — Marche !

O aluno testa executa uma mudança de direção à direita (ou esquerda) e vem cortar a coluna ou o círculo pelo meio para formar, em seguida, a segunda volta do oito, apanhando o úitimo da coluna. No centro da figura cruzam-se os alunos passando ora um ora outro. Retoma-se a coluna ou o círculo ao comando:

1 — Desfazer o oito.

2 — Marche !

Em fileiras cerradas:

Os alunos formados em fileiras, com a distância de um para outra de um braço apenas, ao comando:

1 — Em fileiras cerradas, em frente.

2 — Marche !

Evoluem para a frente, até ouvir novamente o comando:

1 — Classe, â direita (ou esquerda).

2 — Marche !

Cada aluno faz a volta para a direita e as fileiras primitivas transformam-se em colunas. Continua assim a marcha, sendo permitido ainda a volta para a retaguarda.

Para desfazer manda-se marchar em coluna por um:

1 — Classe, à direita (ou esquerda) em coluna por um.

2 — Marche !

Formando pequenos circulos exteriores e interiores:

A classe estando formada em círculo mandar numerar por grupos iguais.

Ao comando:

1 — Formar pequenos círculos exteriores.

2 — Marche !

Cada grupo, guiado pelo respectivo número *um*, forma um pequeno círculo no exterior do grande círculo primitivo, mudando de direção para a direita.

Ao comando:

1 — Reformar o grande círculo.

2 — Marche !

O aluno número *um* voltando ao ponto de onde partiu, retoma a direção da marcha inicial.

Para a formação de pequenos círculos interiores o movimento se executa segundo os mesmos princípios, porém os círculos são formados para o interior e a direção é mudada para a esquerda.

Banco Financial da Producão S. A.

AV. AFONSO PENA, 571 - (Prédio próprio)

Capital realizado: Cr$ 20.000.000,00

PAGA AS MAIORES TAXAS DE JUROS

CONTAS

Popular (até Cr$ 50.000,00) — 8 %

Limitada (até Cr$ 500.000,00) — 7 %

Praso fixo . . . . . 9 %

" " com renda mensal 8 1/2

O ensino da ortografia

ORTOGRAFIA GRAMATICAL

Leonilda S. MONTANDON

CONTINUAÇÃO

A ortografia gramatical é sem dúvida, mais complexa que a usual, pois depende do conhecimento e observância das relações que têm entre si as palavras de uma frase.

Em dois tipos poderemos classificar os erros gramaticais:

1 — Erros de concordância:

a) nominal;

b) verbal;

c) dos particípios passados com os verbos auxiliares.

2 — Erros gramaticais em que a concordância não intervém:

a) alteração no final das palavras invariáveis;

b) confusão dos tempos dos verbos a empregar;

c) erros sôbre os radicais dos verbos;

b) barbarismos nas terminações.

Como fazer, portanto, a criança adquirir a ortografia gramatical ?

De acôrdo com as novas técnicas de ensino muitos professores seguem o seguinte plano:

a) fazer o aluno observar as modificações que as palavras experimentam na frase quando em relação com outras;

b) fazê-las induzirem as regras que comandam tais relações;

c) fazê-los descobrirem os elementos que compõem a frase e estabelecer as suas relações através de análises e explicações dos textos.

Tal plano, como se percebe, é bem superior à menorização pura das regras gramaticais com que nos atormentaram no nosso tempo de escola...

Além de bons planos no ensino da ortografia gramatical, outras condições para o êxito da aprendizagem devem ser consideradas:

a) a organização de exercícios apropriados;

b) conhecimento da natureza e frequência dos erros cometidos;

c) verificação frequente do desenvolvimento dos alunos, através de "testes" cuidadosamente organizados.

Para que não fiquemos, apenas, no terreno teórico, vamos documentar êsse trabalho com uma interessante experiência levada a efeito no Grupo Escolar "Afonso Pena", desta Capital.

Um curioso laboratório — Com o objetivo de melhorar a linguagem escrita dos alunos das diversas séries, foi instituido um "laboratório" para a correção e estudo dos exercícios escritos feitos, semanalmente, de acôrdo com um plano previamente traçado. Cada classe devia fazer, uma vez por semana, um determinado tipo de redação: enumeração, descrição, reprodução de histórias, composição livre, cartas, etc., etc.

Esses exercícios eram encaminhados ao "laboratório" e ali corrigidos por duas professoras encarregadas do trabalho. Os erros eram assinalados por meio de sinais convencionados e do conhecimento das professoras e dos alunos. (1)

As composições eram devolvidas à classe. A professora, de posse da lista de erros, fazia a correção geral no quadro negro. Essa correção era feita por etapas constituindo motivo de várias aulas. Primeiramente, eram corrigidos os erros de ortografia usual, passando-se em seguida, aos erros de concordância, regência, pontuação, etc.

Os alunos recebiam suas composições e, conhecelores dos sinais convencionados procuravam, depois das explicações da professora, corrigir os erros cometidos e refaziam a composição que era novamente encaminhada ao "laboratório para novo exame na ficha de contrôle, registravam-se os erros ainda encontrados.

Comparados os resultados, verificava-se o grau de eficiência da correção feita, em classe e o progresso dos alunos.

Uma vez considerado pronto o trabalho, outro tipo de composição era apresentado à classe. Tal processo não limitava o número dos exercícios e nem tolhia a liberdade da professora que continuava com seus alunos outros trabalhos.

Além de outras vantagens que êsse processo apresentava, um nos merece especial referência. Sabendo que o critério da nota, nas composições obedecia a várias exigências, os alunos principalmente os de 4.º ano, foram-se habituando a analisar os seus trabalhos afim de diminuir-lhes os erros. Asim é que procuravam:

)a escrever o maior número de fatos;

b) evitar frases confusas ou de sentido incompleto;

c) observar a concordância do verbo com o sujeito e a do adjetivo com o substantivo;

d) empregar corretamente a pontuação;

e) não errar na grafia das palavras, etc., etc.

No fim de alguns meses de experiência, tôdas as professras-regentes eram unânimes em atestar o valor do processo.

Essa experiência pode ser tentada por qualquer professora. Basta que tome um tipo de composição, semanalmente, e proceder ao trabalho de correção com inteligência e método.

E, para mostrar-lhes como o ensino da língua pátria está reclamando melhor orientação, apresentamos parte dos resultados de uma interessante pesquisa que está sendo levada a efeito no Departamento de Educação por D. Maria Angélica de Castro com colaboração da professora Maria José Ferber. Para êsse importante trabalho, que consiste na apuração dos erros mais frequentes nas composições dos nossos escolares, foram tomados 500 provas para um exame.

---

(1) Uma vez apurados os erros, eram êles registrados em fichas que acusavam a sua natureza e frequência.

Foram estudados três tipos de redação: uma carta, uma história reproduzida e uma história inventada.

Apurados os erros de acôrdo com a su anatureza, observou-se o seguinte:

a) que o tipo de composição mais difícil é a reprodução de histórias, isso, talvez, porque o aluno tenha de repetir pensamentos adultos e de atender a certa organização superior à sua capacidade e experiência;

c) que o emprêgo da crase e da vírgula detêm a maior percentagem de erros, o que nos leva a perguntar se de fato as crianças, nesse período escolar, são incapazes de adquirir tal conhecimento (como no caso da referência) ou se o estuda da crase e da pontuação não tem sido feito com o devido cuidado e habilidade.

Outras conclusões podem ser tiradas pelo exame do quadro abaixo que demonstra, eloquentemente, o quanto necessitamos melhorar o ensino da língua pátria em nossas escolas:

PERCENTAGEM DOS ERROS DE ACÔRDO
COM A SUA NTUREZA

Construção:	Reprodução	História livre	Carta
Concordância verbal	65,3 %	48,7 %	51 %
Concordância nominal	56,7	60,8	30,8
Regência	75,3	63,3	71,3
Colocação de pronomes	41,4	14,2	14,6
Crase	98,1	(1) 18,6	93,6
Média dos erros	— 5,4	— 3 —	6,3
Pontuação			
Ponto	41,7 %	39,7 %	48,4 %
Virgula	79,7	74,4	54,4
Ponto e virgula	35,5	42,8	53,8
Dois pontos	60,1	42,7	76,5
Interrogação	76,5	51,7	19,7
Exclamação	56,9	26,9	32,3
Travessão	80	61,7	—
Média dos erros	24	1,9	6,3

(1) A percentagem aí se apresenta baixa porque raramente os alunos empregam o "a" craseado em suas composições.

★★★

A nova liberdade do mundo não se edifica a ferro e fogo, não assenta em pirâmides de existências ceifadas.

DE LEONI KASEFF

Resto de Queimada

Aquêle tronco velho, resto de queimada,
à beira da estrada,
com aquela parasita tão bonita num dos ganchos,
nem sei o que parece;
sei que, outro dia, em caminho da roça,
aquêle preto velho que quase já não enxerga,
resmungou qualquer cousa em sua língua perra
e fêz, num bambo, o sinal da cruz,
pensando, talvez,
que aquêle tronco velho e preto,
de pé no altar verde do morro,
com aquela parasita tão bonita num dos ganchos,
fosse um São Benedito
Que trouxesse, nos braços,
o menino Jesus . . .

Vinicius Meyer

★★★

De LEONI KASEFF

Ainda que, por vêzes, não sentida, mas sempre, todavia, pressentida a liberdade tem sido o móvel das conquistas universais do gênio, que têm trazido ao espírito humano um aumento na eficiência, por acréscimo de facilidades a um viver mais útil e mais digno.

A liberdade é, de alguma forma, o próprio sentido de humanidade, a sua lógica e legítima razão de ser.

A simples admissão da possibilidade de iniciativa individual tem sido o grande impulsor das realizações que permitiam à civilização material atingir ao esplendor que ostenta em nossos dias.

Na preparação da era da liberdade, pela educação, compete à família o primeiro despertar da voz da consciência e da razão no espírito do homem.

A A'RVORE

PARA AS CRIANÇAS

Salta do leito e vem cá fora
Vem ver esta árvore, sonora
— De murmurinhos e canções,
O sol nascente a afaga e beija
E as suas frondes purpureja
Com seus vivíssimos clarões.

Anda-lhe em tôrno, alacre, um vivo
Zumbir de insetos; pelo crivo
Das fôlhas verdes fulge o sol;
E entre cortinas viridentes
Zunem cigarras estridentes
Tecem aranhas o aranhol.

Depois a pino, o sol escalda,
E a sua copa de esmeralda
E' como um pálio protetor,
A cuja sombra ampla e divina,
Cantam as aves, em surdina
Cantos dulcíssimos de amor

Ama-a! — tôda árvore é sagrada —
Ama esta esplêndida morada
De abelhas de oiro e aves gentis!
Busca entender tanta poesia
E faze côro à sinfonia
Da natureza, que a bendiz!

Ama-a, na glória matutina,
Entre os vapores da neblina,
Que tôda a envolvem, como véus,
Cheia dos prantos da alvorada,
Ou melancólica, estampada
No oiro e na púrpura dos céus...

E reza então: Bendita sejas
Por tuas frondes benfazejas
Pelos teus cânticos triunfais!
Por tuas flores e perfumes,
Pelos teus pássaros implumes,
Por tuas sombras maternais!

RICARDO GONÇALVES

Biblioteca "Ondina Brandão" anexa á Escola Infantil "Delfim Moreira"

Cordélia QUEIROGA

— "Educando", em seu número de Fevereiro de 1941, deu-me a oportunidade de apresentar a biblioteca "Ondina Brandão" às minhas colegas de classse. Felizmente ela tem atingido a sua finalidade, pois são notáveis o aumento de vocábulo e o aperfeiçoamento da linguagem e da coordenação motora, principalmente o contrôle manual.

Tenho, porém, duas retificações a fazer:

1) Com as crianças de II período, isto é, as de 5 anos não me foi possível executar o plano idealizado, pelo fato de elas ainda estarem tomando conhecimento com a biblioteca. As suas histórias, os seus catálogos, os seus fichários, o mobiliário diferente do das salas de aula, tudo isto exigia um esfôrço grande demais para esta idade. Deixei, então, êste período para adptação. O resultaro foi magnífico, pois as crianças quando, no ano seguinte, vão tomar conhecimento do modo correto de se visitar a biblioteca, tentem o prazer daquela "promoção" ao último período da Escola.

2) E' na ficha de contrôle, colocada na parte interna de cada volume, que se faz a marcação, com um pequeno traço vertical, cada vez que *um menino* ou *uma menina* retira uma história. Quando em organização a blioteca, eu havia idealizado que esta marcação fôsse feita pelas crianças. Porém, isto não me foi possível executar, pois o tempo é pouco, esta marcação não tem valor para elas e há outros pontos de maior importância e interêsse infantil.

Aos poucos as dificuldades com relação aos assuntos que devem ou não ser tratados na Escola Infantil vão se desfazendo. No terreno da Linguagem, o número de junho de 1944 de "Educando" publicou um trecho (1) que muito nos esclarece sôbre o que nós, professoras de classes infantis, devemos ensinar, e, até que ponto temos o direito de chegar.

O critério da preferência

O movimento geral da Biblioteca durante o ano letivo de 1944 merece ser comentado pelo resultado a que cheguei quanto ao *Critério da preferência* das crianças de 6 anos pelas histórias. E' preciso repetir aqui que as crianças de 5 anos, isto é, as do II período da Escola, querem ouvir, de preferência, histórias de animais. No entanto, depois de a criança ter estado exposta às diverhas experiências nos dois primeiros periodos da Escola Infantil, o seu horizonte de interêsses se alarga social e intelectualmente. Melhor do que esta palavra dizem os números na apuração seguinte:

Durante as visitas feitas pelas clases de III período (crianças de 6 anos) as histórias mais procuradas, segundo o resultado apurado nas fichas de contrôle, foram:

Meninos

1 — "Barca Sétima" (Go. IV) — 25 vêzes.
2 — "A vida de Jesus" (Go. II) 22 vêzes
3 — "A coragem de Paulo" (Go. III) — 21 vêzes.
4 — "Maneco e a Rainha Vitamina" (Go. I) — 20 vêzes.
5 — "O suave milagre" (Go. III) — 18 vêzes.

---

(1) "O Jardim da Infância e a leitura" — Pennel e Cusack.

6 — "Mimi Gabola" (Go. III) — 18 vêzes.
7 — "A glória do sapo" (Go. I) — 16 vêzes.
9 — "No Parque" (Go. I) — 16 vêzes.
10 — "Alegria das crianças" (Go. III) — 16 vêzes.
12 — "O sonho de Luizinho" (Go. III) — 16 vêzes.
13 — "Os três porquitos" (Go. III) — 13 vêzes.
14 — "Estabelecimentos públicos de B. Horizonte" (Go. I) — 13 vêzes.
15 — "A árvore e o homem" (Go. I) — 13 vêzes.
16 — "Os ursos escoteiros" (Go. III) — 12 vêzes.
17 — "O casamento de Maçarico" (Go. III) — 12 vêzes.
18 — "Santos Dumont" (Go. I) — 12 vêzes.
19 — "História da Princesa Isabel" (Go. I — 12 vêzes.
20 — "Animais na intimidade" (Go. III) — 11 vêzes.

Meninos

1 — "Os três porquitos" (Go. III) — 23 vêzes.
2 — "A vida de Jesus" (Go. II) — 20 vêzes.
3 — "Os milagres de Jesus" (Go. II) — 19 vêzes.
4 — "Branca de Neve" (Go. III) — 18 vêzes.
5 — "O suave milagre" (Go. III) — 17 vêzes.
6 — "Mimi Gabola" (Go. III) — 17 vêzes.
7 — "Animais domésticos" (Go. I) — 17 vêzes.
8 — "Um passeio na floresta" (Go. III) — 16 vêzes.
9 — "Chapéuzinho vermelho" (Go. III) — 15 vêzes.
10 — "Lalá e seus amiguinhos" (Go. III) — 14 vêzes.
11 — "Meus brinquedos" (Go. III) — 13 vêzes.
12 — "Maneco e a Rainha Vitamina" (Go. I) — 13 vêzes.
13 — "Estabelecimentos públicos de B. Horizonte" (Go. I) — 13 vêzes.
14 — "A glória do sapo" (Go. I) — 13 vêzes.
15 — "Os três colhinhos espertos" (Go. III) — 12 vêzes.
16 — "Animais na intimidade" "Go. III) — 12 vêzes.
17 — "Album de religião" (Go. II) 12 vêzes.
18 — "No Parque" (Go. I) — 12 vêzes.

A demais histórias obtiveram de 0 a 10 pontos.

A Biblioteca conta, atualmente, com 107 volumes.

Comentários

—Sôbre a preferência dos *meninos*:

— "Barca Sétima", classificada em primeiro lugar, traz, nas sua capa, a bandeira brasileira. E' a história daquele naufrágio na baía de Guanabara, em que a bandeira brasileira foi salva por um aluno do colégio "Santa Rosa", de Niterói, que passeava na referida barca

— "A vida de Jesus", classificada em segundo lugar, consta de quadros reproduzindo as diversas passagens da vida de Jesns.

— "A coragem de Paulo" é a história de um menino que, para conquistar a confiança da irmãzinha, diz ser capaz de coisas absurdas.

— "Maneco e a Rainha Vitamina" é uma viagem feita numa esfera mágica em demanda do reino da Rainha Vitamina.

— "O suave milagre" de Eça de Queiroz; não está colocada entre as histórias de religião, mas, como Jesus aparece, ela tornou-se logo conhecida.

Sôbre a preferência das *meninas*:

— "Os três porquitos" — já bastante conhecida.

— "A vida de Jesus" — comentada.

— "Os milagres de Jesus — consta de quadros reproduzindo uma passagem de cada milagre.

— "Branca de Neve" — muito conhecida.

— "O suave milagre" — comentada.

Pelo que ficou exposto vemos que a preferência dos *meninos* pelas *his-*

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

tórias de aventuras é clra desde a idade de 6 anos. E que as *meninas* pendem desde cedo para o *misticismo*.

Achei também interessante o fato de "A vida de Jesus" ter obtido o segundo lugar tanto para os meninos como para as meninas. Foi com grande prazer que registrei esta apuração final. Ficou asim provado que a Religião, assunto tão delicado para ser tratado numa classe infantil, está sendo apresentado de maneira satisfatória para as professoras e agradável para as crianças.

Observações

Porque as crianças gostam de *ouvir histórias*.

Algumas, *por prazer*, e, para estas, qualquer história serve; outras, *por curiosidade*: só querem histórias novas; outras, *por apreciação* a uma determinada aventura ou passagem (um menino de 5 anos — F. M. — pedia sempre "O sonho de Luizinho" onde o Papá Noel aparece); outras, *por espírito de crítica*: —— "Mambe conta esta histópia diferente" ou então — "Eu sei esta história assim..."

Porque as crianças gostam de *contar* histórias.

Grande parte conta *pelo prazer de falar;* algumas, em número reduzido, *para se sentirem aplaudidas*.

Infelizmente a maior parte só se dispõe a narrar sob a promessa de ouvir, contada pela profesora, uma história de sua predileção.

Há criauças que sempre se oferecem para contar qualquer história; mas há outras que não o fazem nem que se lhes faça um convite; e há outras que só se prontificam quando se trata de *determinada* história.

E' notável a ansiedade das crianças pela entrada na biblioteca, bem como a curiosidade em tôrno de um volume novo. O agrupamento das crianças é feito sem insinuação da professora; o ambiente assim criado faz nascer o interêsse e o desejo de participar dos comentários. Na conseração, não só dos volumes e catálogos, como também do mobiliário, as crianças colaboram comigo. Uma menina de 6 anos (O B.) chorou por ter, involuntàriamente, rasgado a capa de um volume, só cessando de o fazer quando viu o consêrto feito pela professora.

Há interpretação feita pelas crianças noto, quase sempre, uma resposta às "perguntas auxiliares" relacionadas com as idéias centrais da narrativa; estas perguntas são feitas logo após a exposição da história, pela professora. E' bem pequeno o número de crianças que tem originalidade de interpretação (2 ou 3 em cada grupo de 25). As "perguntas auxiliares" não trazem aborrecimento ao pequeno auditório, porque as crianças já sabem que, quanto mais depressa responderem, mais dpressa ouvirão outra história.

A classe *sabe graduar* os aplausos e julga sem cerimônia: — "Bati poucas palmas porque êle falou baixo" ou "Porque esqueceu isto..."

Não são passagens mais alegres ou mais tristes da história as que são mais fàcilmente gravadas pelas crianças, mas, sim, as que são contadas *com mais vida*.

Em caso de indisciplina faço comentários sôbre o procedimento dos pais dos alunos na Biblioteca Pública ou em outra qualquer, de acôrdo com o meio social do aluno em questão. A censura é feita pelos alunos e o resultado é magnífico.

As crianças nunca acham suficiente o tempo que permanecem na biblioteca. Querem sempre prolongar a visita, o que muitas vêzes não é possível, dado o grande número de alunos da Escola e o horário atualmente em vigor.

Fora do horário das visitas elas procuram a biblioteca e é então que, com mais facilidade, eu tomo conhecimento da apreciação às histórias, pois, as crianças têm ampla liberdade.

* * *

Obras consultadas:

"Como se ensina a leitura — Pennel e Cusack.

"Child development" — Breckenridge and Vicent.

"The first five years of life" — Gessel et al.

PÁGINA DE INFORMAÇÃO

Contribuição das zonas brasileiras para a riqueza nacional

(A PEDIDO)

I — A REGIÃO NORTE, constituída dos Estados de Amazonas, Pará e os territórios de Amapá, Rio Branco, Acre e Guaporé, oferece importantíssima riqueza natural como:

a) imensas florestas ricas de madeiras de construção e marcenaria; números vegetais úteis eomo a castanheira, a seringueira, a massaranduba, a salsaparrilha, o guaraná, o marfim-vegetal, etc.;

b) peixes (pirarucu, peixe-poi, pescada, surubim) e tartarugas;

c) minerais, como o granito, o mármore, o ouro, havendo mesmo vestígio de petróleo nos cursos superiores dos rios Juruá e Purus.

Apesar de tão rico em recursos naturais, o Brasil Setentrional não tem podido aproveitar as suas imensas riquesas. Contudo, entre as suas atividades econômicas podemos salientar:

a) criação de gado, principalmente na ilha de Marajó;

b) a pesca que constitui o meio de vida de grande parte da população amozonense;

c) a indústria da borrcha, que depois de ter decaído com a concorrência das plantações inglêsas e holendêsas, vem, neses últimos anos retomando sua antiga importância;

d) a castanha, muito usada como alimento;

e) as madeiras;

f) o cacau e as plantas medicinais que também, merecem referências.

II — A REGIÃO DO NORDESTE que compreende 2 partes: o Nordeste-Ocidentel com os Estados do Maranhão e Piauí; o Nordeste-Oriental com os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e o Território de Fernando Noronha.

Conquanto não se destaque pela riquesa vegetal, a região do Nordeste, ocupa, na economia nacional,, uma posição de relêvo. Além de ser grande fornecedora de açúcar e algodão, apresenta três árvores realmente preciosas: a carnaubeira, o coqueiro babassú e a oiticica, de tão variadas e importantes aplicações na indústria. Outras fontes de riquesa são a criação de gado, a pesca, e fabricação de farinha de mandioca.

A REGIÃO LESTE, compreende duas partes: o Leste-Setentrional com os Estados de Sergipe e Bahia; e o Leste-Meridional com os Estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro e o Distrito Federal. Não existe no território brasileiro região tão rica em minerais como o Brasil Oriental. O ouro, o ferro, o manganez, as areias monasíticas, os diamantes, e outras pedras preciosas garantem um futuro

promissor à região. Quanto à vegetação, a mata atlântica é bastante rica em boas madeiras de construção e marcenaria (cedro, jacarandá, peroba, canela e etc.) como também são extensos os campos gerais do interior, excedentes para a criação de gado.

A vida agrícola domina inteiramente a atividade dessa região O café, a cana de açúcar, o algodão, o fumo, o arroz, o feijão e o cacau são suas principais fontes de riqueza. Por outro lado, a sua pecuária representa fator preponderante na vida econômica do País.

Das indústrias extrativas, a da mineração ainda não conseguiu atingir seu pleno desenvolvimento conforme as reservas existentes no sub-solo dessa privilegiada região. Nesses últimos anos é que a indústria de ferro tem tomado notável incremento. Importantes estabelecimentos siderúrgicos, como os de Sabará,, Monlevade e outros, manipulam ativamente o minério de Minas Gerais, junto aos próprios centros de extração, ao mesmo tempo que outros se encarregam de produzir os subprodutos. O desenvolvimento da indústria siderúrgica abre novas fontes de riquesa para o País.

IV — A REGIÃO SUL compõe-se dos Estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e os Território de Iguassu. Os vegetais constituem poderosa fonte de riqueza da região, pois nas terras banhadas pelos rios da Bacia Platina estende-se a zona da "Araucaria" riquíssima em madeiras, entre as quais sobressaem o cedro e o pinheiro; cresce aí, em abundância, a congonheira de que se extrai a herva-mate.

Sob o aspecto econômico, o Brasil possui em sua região meridional poderosos recursos agrícolas e industriais. Ao lado do café que constitui a riqueza de maior importância na vida econômica do País, encontra-se o algodão, sendo, ainda, São Paulo o seu mair produtor. Outros produtos característicos da regão são os cererais: arroz, milho, trigo, cevada, centeio e aveia.

Outra fonte de riqueza é a criação de gado, acumulando-se aí quase metade do rebanho brasileiro. Dentre as divehsas indústrias. salientam-se: a da produção do mate, a da extração de madeiras, a indústria de carvão de pedra, a indústria manufatureira, etc..

A REGIÃO CENTRO-OESTE, que a mesma em extensão compõe-se dos Estados de Goiaz e Mato Grosso e o Território de Ponta-Porã. Suas riquesas são ainda pouco conhecidas e exploradas. Entre os recursos naturais destacam-se a congonheira, a palmeira babassu e extensas florestas onde suprabundam as madeiras e plantas medicinais.

Os diamantes constituem a grande riqueza mineral da região, pois são notáveis os depósitos existentes nos rios das Pombas e das Garças.

Cultiva-se o arroz, o café e a cana de açúcar. Mas é a criação de gado que constitui a tradicional atividade do Brasil central, cujas condições econômisas ainda deixam muito a desejar.

---

(1) Notas extraídas dos Livros de Arnaldo Azevedo" — "Geografia do Brasil", 3.ª Série e Corografia do Brasil", para o Curso Comercial e circular n.º 2 de 14 de maio de 1945 da Secretaria da Presidência da República.

O SERVO FIEL

MARILÉO

Ludovico era um príncipe muito jovem mas muito prudente, generoso e bom.

Todos os seus súbitos lhe eram dedicados e submissos. Entre a criadagem do príncipe havia um que êle distinguia com uma amizade tôda especial. Era o seu escudeiro João Sabido, que crescera junto dêle e fôra sempre o seu companheiro predileto.

João justificativa o apelido de *sabido* porque tinha resposta para tudo e estava sempre a par de todos os acontecimentos da Côrte.

Os outros criados mordiam-se de inveja com as regalias de que gozava o feliz escudeiro. Um dia o príncipe se preparou para ir buscar a noiva que lhe estava destinada desde a infância. Acompanhado de uma grande e brilhante comitiva, êle se dirigiu para o País onde vivia a princeza Rosalina. João Sabido, que viajava ao lado do príncipe, ia tristonho, calado e cabisbaixo. Essa sua atitude não passou despercebida ao príncipe. Ludovico que o interpelou:

— Que tristeza é essa, João? Você parece estar acompanhando um entêrro. Que mosca o mordeu?

Oh ! meu príncipe, na verdade não sei o que tenho; uma grande angústia me oprime o coração. Estou com pressentimento de que a-l guma cousa má vai me acontecer.

— Deixe de tolice, João, e trate de arrumar uma cara mais alegre, do contrário vai assustar minha noiva com esta carranca de condenado. Eis que estamos chegando.

De fato, as tôrres do castelo, onde vivia Rosalina apareciam entre as frondosas árvores que o rodeavam.

Durante dois dias houve grandes festas em homenagem ao príncipe Ludovico. Enquanto a Côrte se divertia, João procurava a solidão dos bosques e aí ficava horas inteiras mergulhando em estranha tristeza.

Certa vez em que êle se achava deitado sob uma copada árvore, viu pousar em um galho uma linda avezinha.

Esta, que era encantada, lhe disse:

— Ouve, João Sabido, e guarda bem o que te vou contar. Amanhã o príncipe Ludovico estará de volta com sua noiva. Quando a comitiva fôr atravessando a ponte esta se desmoronará e todos morerrão afogados. E se tal fato contares, ficarás surdo-cego-paralítico e mudo.

Assim dizendo, a avezinha desapareceu.

No dia seguinte Ludovico e sua côrte puseram-se a caminho. No fim de quatro horas de viagem, avistaram um grande rio. João lembrou-se do aviso que lhe dera o passarinho e dirigiu-se ao príncipe aconselhando-o a não passar pela ponte que atravessa o rio.

Mas a princeza logo protestou, dizendo:

— Eu quero atravessar a ponte ainda que ela caia comigo !

João, porém, tanto suplicou que o pryncipe se deixou convencer e, apesar dos protestos da princeza e de tôda a comitiva resolveu dar uma grande volta para não pasar pela ponte.

No segundo dia da viagem a comitiva passou junto de um ribeiro e parrou para descançar. João afastou-se um pouco e deitou-se à sombra de uma árvore. Estava quase a dormir quando ouviu que o chamavam. Abrindo os olhos viu pousada ali perto o pássaro encantado que lhe disse:

— João, não muito distante daqui, à beira de um precipício, há uma grande macieira com lindas maçãs vermelhas. A princêsa vai querer que as apanhem. Êsses frutos estão envenenados; se ela as comer morrerá instantaneamente. E se tal fato contares, ficarás surdo-cego-paralítico e mudo.

Pouco depois a comitiva recomeçava sua viagem. Não muito longe avistaram um grande precipício e à beira dêle uma macieira apresentava um galho carregado de belos frutos.

A princêsa bateu palmas de contente e pedu:

— Quero que me apanhem aquelas maçãs!

João correu à frente e sem explicar a razão do seu gesto cortou o galho carregado, deixando-o cair no abismo.

A princêsa gritou enfurecida:

— Atrevido, insolente, como te atreves a insultar-me desta maneira ?

Hei de mandar bater-te !

O príncipe Ludovico também ficou chocado com o procedimento do seu escudeiro e passou-lhe uma grande repreensão.

João ouviu as palavras de seu amado príncipe com o coração dilacerado de dor mas não se desculpou e nem disse a razão de sua estranha conduta.

Ao anoitecer chegaram a uma estalagem onde deviam passar a noite.

Pela madrugada João acordou com uma pancadinhas na janela. Ao abri-la viu voar para o beiral do telhado o pássaro encantado que lhe disse:

— João, o cavalo que a princêsa deve montar hoje é o mais belo que já se viu; mas se ela o calvagar será por êle arrastada em furioso galope e terá morte horrível. E se tal fato contares ficarás surdo-cego-paralítico e mudo.

Logo que amanheceu a comitiva se preparou para continuar a viagem. Quando trouxeram os cavalos, a princesa não pôde ocultar seu ensusiasmo. O cavalo que lhe estava destinado era todo branco e ricamente ajaezado. Estava pronta para montá-lo quando João puxando de uma arma de fogo matou o lindo animal.

Um clamor de indignação brotou de tôdas as bôcas.

A princêsa prorrompeu em chôro e o príncipe rubro de cólera, chicoteu o pobre escudeiro, expulsando-o da comitiva.

Abandonado de todos, João ali ficou sem saber para onde ir. Andou, andou sem parar, horas a fio. Quase morto de cansado assentou-se ao pé de uma árvore. De repente ouviu a voz do pássaro que lhe dizia:

— João, levanta-te, a tua missão não terminou. O casamento do príncipe é amanhã. Mas uma grande desgraça acontecerá se não chegares a tempo à Igreja. O genuflexório da princesa está debaixo de um grande lustre de cristal. No momento em que ela se ajoelhar o lustre se desprenderá e a esmagará sob seu pêso. E se tal fato contares, ficarás surdo-cego-paralítico e mudo.

— João pôs-se a correr por montes e vales, até que avistou as tôrres da cidade. Até êle chegavam os sons festivos dos sinos anunciando a hora do casamento. João já não podia mais caminhar. Tinha o corpo entorpecido e os pés lhe sangravam por uma porção de feridas.

Arrastando-se, conseguiu chegar afinal até uma grande praça onde estava reunida uma imensa multidão. Já o cortejo do príncipe se aproximava e em pouco estariam todos dentro da igreja. Reunindo suas últimas fôrças, João penetrou por uma porta lateral. Cheio de horror viu que a princesa estava quase a chegar debaixo do grande lustre. Como um louco deu um salto e arrebatou a princesa correndo com ela para a porta principal. Um clamor imenso se ergueu e João foi logo alcançado e prêso.

A princêsa, com o susto, desmaiou. O príncipe, louco de furor, arrancou da espada para matar aquêle servo indigno que, por vingança, lhe queria roubar a noiva.

Então o leal escudeiro exclamou:

— Príncipe, antes de me tirardes a vida, escutai a minha confissão. E ali, de pé, imenso no seu heroísmo, João começou a narrar aquela estranha história. Quando falou sôbre o caso da ponte, sentiu uma imensa dor na cabeça e deixou de ouvir....

Quando contou o incidente da macieira uma densa nuvem cobriu-lhe os olhos e êle deixou de ver...

Quando se referiu à morte do cavalo sentiu os membros paralisados. Tôda a côrte começou a perceber a ameaça da ave encantada estava se cumprindo e o príncipe compreendendo afinal a imensidade de seu servo, suplicou-lhe que não continuasse a falar...

Mas João, impávido, contou o último aviso que recebera; não chegou a concluir sua narrativa, pois, subitamente, emudeceu. Um grito de piedade encheu todo o recinto da igreja e o príncipe, de joelhos aos pés de seu fiel escudeiro, abraçava chorando aquêle pobre corpo inerte que ali permanecia de pé qual uma estátua de pedra.

A princesa Rosalina recuperara os sentidos e ouvira tôdas as palavras de João. Lágrimas ardentes lhe brotaram dos lindos olhos quando contemplou o infeliz escudeiro a quem ela fizera castigar tão duramente.

Aproximou-se e num gesto de arrependimento beijou-lhe as mãos enrigecidas. As suas lágrimas e as do príncipe, caindo sôbre os pés en-

sanguentados do nobre servo, tiveram a virtude de reanimar aquêle corpo imóvel.

Um estremecimento sacudiu-o todo. E os presentes, espantados, ouviram estas palavras que brotavam de seus lábios até aí emudecidos.

— Levantai-vos Senhora! As vossas lágrimas de sincera piedade tiveram o poder de restituir-me à vida. O vosso arrependimento igualou em intensidade a minha dedicação. Por isso quebrou-se o meu encantamento. Estais agora preparada para assumirdes o papel de soberana justa e amiga de seus vassalos. Abençoadas, pois, sejam tôdas as provas por que passei.

O casamento do príncipe celebrou-se no mesmo dia no meio da maior alegria.

Em sinal de gratidão e amizade, o príncipe Ludovico concedeu ao seu fiel João o título de Conde, fazendo dêle a personagem mais importante da Côrte.

★★★

Sem a educação, a liberdade será o que tem sido até hoje: mera aspiração dos indivíduos e das massas e pretexto para sangrentas convulsões.

DE LEONI KASEFF

ESCOLARES!

FAÇAM SUAS COMPRAS NA CASA QUE ALÉM DE OFERECER OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA, POSSUE O MAIOR STOCK DE ARTIGOS DE PAPELARIA DO ESTADO DE MINAS.

OLIVEIRA COSTA & CIA.

FUNDADA EM 1886

AV. AFONSO PENA, 1050 — FONES 2-1607 e 2-3016

CAIXA POSTAL, 14 — BELO HORIZONTE

chicoteu o pobre escudeiro, e

Escola Superior de Veterinária do Estado de Minas Gerais

A realização em Minas de um vasto plano de educação rural está em pleno desenvolvimento por meio de Fazendas-Escolas, Granjas-Escolas, Fábricas-Escolas, sem paralelo no Brasil. As duas Escolas Superiores que o Estado possui atualmente e que se dedicam a orientar tantos outros institutos de ensino médio e elementar, de natureza técnico profissional e cooperam ao mesmo tempo com os próprios fazendeiros e criadores, são a Escola Superior de Veterinária de Belo Horizonte e a Escola Superior de Agricultura, de Viçosa.

O jovem que termina o curso ginasial pensa, geralmente, abraçar uma profissão livre, seguindo a corrente tumultuosa da massa juvenil.

Em Belo Horizonte, centralizam-se numerosos estabelecimentos de ensino secundário que, ministrando a instrução fundamental, representam por isso mesmo a base de acesso às carreiras liberais ou técnicas. Mas a êsse grande centro universitário, faltava um complemento necessário — o campo de sugestões capaz de despertar ou estimular no aluno recém-saído das bancas colegiais, pela facilidade de meios e pelo aparelhamento técnico-científico, a vocação e o gôsto pelo ensino consagrado aos problemas do campo.

Essa falha foi amplamente sanada pela iniciativa governamental e em circunstâncias bem singulares, que valorizam, sem similar, talvez, no Brasil, uma instituição das mais felizes e completas consagrada à formação de médicos veterinários.

Equidistante de tôdas as zonas do Estado, às quais se acha vinculada por um completo sistema de comunicações, entrosou-se a Escola Superior de Veterinária, criada em moldes mais amplos e eficientes por dissociação do respectivo curso da E.S.A.V., as diversas organizações especializadas de interêsse correlato para o ensino: o Instituto Químico-Biológico, a Feira Permanente de Animais e a Granja-Escola "João Pinheiro", possuindo ainda como campos de estudos práticos o Matadouro Modêlo e a Fazenda Escola de Florestal. Acrescente-se a êste notável conjunto de especialização experimental o fato de ser a Capital do Estado sede dos Serviços centrais da Produção Animal e Veget- OS. O ter-se-á um quadro de fatores de ordem técnica, geográfica e didá DA MA- representa para os candidatos às bancas superiores a persp ER A CRIAN- curso a que se liga uma das mais brilhantes e promissor QUE DEVE POSSUIR O o estudante brasileiro, notadamente de Minas Ge CONTAS, DA **PSICOLOGIA**

Há, ainda, o aspecto econômico a consid tempo, notadamente para os candidat em Genebra ,aos 31 de dezembro de 1915 massa dos diplomandos ginasiais, a pret PSYCHOLOGIE ET PEDAGOGIE EXPE- agronomia ou veterinária representava DE L'ENFANT. to oneroso, prejudicado e muitas vêzes

orçamentárias para admissão e frequência nas Escolas de Viçosa e Lavras. O advento da E.S.A.V. veio atenuar, senão eliminar essa dificuldade econômica, resultante da transferência domiciliar, inserindo ao mesmo tempo a melhor "chance" para uma carreira à qual se oferecem os mais modernos recursos da técnica e da ciência experimentais.

Os métodos de ensino da Escola Superior de Veterinária de Minas Gerais são os mais completos, visando ao máximo rendimento de preparação técnica. Obedece-se ao regime do "full time", em que professores e alunos dedicam tôda a sua atividade e concentram todos os seus esforços em um objetivo único. E desdobrando o seu ensino em três categorias — médio, superior e especializado — busca a Escola atender às tendências e condições da Pecuária Mineira.

A característica moderna é a da especialização. Processa-se um desdobramento contínuo de especializações. Assim como a Farmácia e a Odontologia tiveram a sua autonomia do ensino médico, ou a Sociologia e a Administração a obtiveram do ensino de ciências jurídicas e sociais, também a Agronomia e a Veterinária tendem cada vez mais a constituir-se em campos de estudos autônomos e próprios. E essa tendência se acentua mais e mais porque o âmbito de conhecimentos científicos e de processos técnicos se amplia incessantemente. A interdependência entre êsses vários ramos de conhecimentos humanos persistem, indubitàvelmente, mas a caracterização de cada setor é cada vez mais nítida e profunda. A criação da Escola Superior de Veterinária de Minas Gerais influi-se dêsse espírito, que é o dominardor: especialização. O curso médio corresponde ao técnico-rural e o Curso de Especialização para os já diplomados no Curso Superior.

Os alunos da Escola Superior de Veterinária de Minas Gerais realizam, semanalmente, uma excursão de estudos à Fazenda Escola de Florestal ou ao Matadouro Modêlo, assim como a outras organizações de alcance prático da carreira, afim de realizarem observações, pesquisas e experimentações em aulas marcadamente práticas.

Dificilmente se poderia reunir tantos elementos de pesquisa, de estudos e de prática numa só Escola de ensino superior. As atividades do professorado centralizam-se tôdas no ensino, não as dispersando em outras ocupações. O regime do tempo integral, que tem dado já ótimos resultados em Minas no ensino agronômico, ratifica as suas vantagens no ensino zootécnico.

Os programas e os princípios que regem o ensino na Escola Supe- de Veterinária não temem confronto com o de institutos similares. da é expressivo o espírito que anima os mestres e alunos, uns e endo a impulsos vocacionais.

ta revista são encontrados na

AV. AFONSO PENA, EX PAPELARIA

CAIXA POSTAL, 14 PRAÇA 7 (ao lado da Casa Bristol)

De Edouard Claparède

PARECE ELEMENTAR VERDADE QUE A PEDAGOGIA DEVA BASEAR-SE NO CONHECIMENTO DA CRIANÇA, COMO A HORTICULTURA SE BASEIA NO CONHECIMENTO DAS PLANTAS.

O PROBLEMA EDUCATIVO ENCERRA DOIS TERMOS: A COUSA A ENSINAR E AQUELE A QUEM ELA DEVE SER ENSINADA — O PROGRAMA E O ALUNO.

ATE' AGORA SE TEM DEDICADO TODA SOLICITUDE AOS PROGRAMAS E AOS MANUAIS; JÁ E' TEMPO DE SE OCUPAR UM POUCO DAQUELES PARA QUEM SE PRESUME QUE ÊLES FORAM FEITOS. NÃO ESQUEÇO QUE EXISTE AINDA UM TERCEIRO TERMO: — O PRÓPRIO EDUCADOR. MAS O QUE ÊSTE DEVE SER DEPENDE DA MANEIRA PELA QUAL E' PRECISO TRATAR E DESENVOLVER A CRIANÇA.

A DETERMINAÇÃO DAS QUALIDADES QUE DEVE POSSUIR O EDUCADOR DEPENDE POIS, NO FIM DE CONTAS, DA **PSICOLOGIA DA CRIANÇA.**

Escrito em Genebra ,aos 31 de dezembro de 1915 para o livro: PSYCHOLOGIE ET PEDAGOGIE EXPERIMENTALE DE L'ENFANT.

PONTUALIDADE

Abel FAGUNDES

A formação dos hábitos necessários à perfeita ambientação dos alunos à vida social é, e não pode deixar de ser, uma das grandes tarefas da escola contemporânea.

Entre êsses hábitos sobressai o da pontualidade, não sòmente pela sua importância como hábito social senão também como virtude escolar de primeira plana, condição, que é, da integral utilização do tempo de trabalho, da aprendizagem, conseguintemente, e ainda fator necessário de ordem no funcionamento escolar.

Sem embargo de tôda essa importância, a pontualidade não tem tido o cuidado que reclama e merece.

A maioria de nossos institutos de ensino faz vista grossa sôbre as faltas de pontualidade, não sendo poucos os que lhe dispensam interêsse puramente verbal, demonstrado em uma censurazinha para constar...

Medidas enérgicas fazem-se necessárias a respeito. E' preciso evitar o máu hábito e as suas consequências nefastas, sôbre a conduta infantil, a ordem escolar, o rendimento do ensino.

A primeira providência cabível é a chamada feita invariàvelmente no início dos trabalhos, e encerrada a seguir. Se não há na localidade regulador público ou outro meio de se saber fácilmente a hora certa, toleram-se quinze minutos de atraso, ficando em aberto, até então, o logar dos retardatários. Faça-se o mesmo, pública e convencionadamente, para as crianças que morem muito longe da escola, nomedamente para os residentes fóra do perímerto escolar, cuja bôa vontade deve ser estimulda e premiada.

Fora dêsses casos, e de outros acidentais, esporádicos, que devam ser relevados, a impontualidade deve ser punida e combatida até extinguir-se.

Qual a pena aplicável ao retardatário? A nosso ver, só cabe aí uma pena: a reclusão, depois das aulas, para completar-se o tempo de permanência na escola e fazer o trabalho não executado no tempo devido. Não será bem um castigo, mas uma compensação.

Outras penas parecem-nos desarrazoadas, sendo simplesmente iníqua e integralmente condenada a de se fecharem as portas da escola aos retardatários, legalizando-lhes destarte a infrequência e multiplicando-lhes o tempo de folga. Além do que, se em qualquer parte do mundo é esquesito fechar as escolas aos que delas precisam, em um país de analfabetos tal atitude atinge as raias da inconciência.

Dr. Trajano M. Carvalho

EX-ASSISTENTE DOS HOSPITAIS DO RIO

ESPECIALISTA EM
DOENÇAS DAS SENHORAS

Consultório Edifício Rex-5º andar - Das 4 ás 6
Fones 2-5849 e 2-2054 — BELO HORIZONTE

PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

Atividade e passividade dos alunos—Quatro tipos de aula

José Raimundo NETO
Inspetor técnico regional do Ensino.

Ao tratarmos dêsse assunto precisamos considerar, preliminarmente, a atividade física da criança e sua atividade mental.

Com a primeira relacionam-se, na escola, os exercícios, desenhos, trabalhos manuais, jogos, experiências, etc.

Nesse tipo de atividade todo organismo do educando toma parte direta, havendo maior dispêndio de energia muscular.

Os exercícios apressam o desenvolvimento geral da criança; por isso sente-se ela atraida pelas atividades didáticas, que põem em ação todo o seu organismo, que lhe exigem, ao lado do trabalho mental, o esfôrço muscular. E' levada naturalmente a essas atividades por um dos instintos fundamentais da Vida: — o de conservação e expansão do sêr.

A atividade mental pode coexistir, entretanto, com a imobilidade física. Uma criança, inteiramente imóvel em sua carteira, e, portanto, em estado de passividade física, poderá desenvolver intensa atividade mental, quer calculando, refletindo, raciocinando, quer acompanhando, com elevado interêsse, uma bôa aula de sua professora.

Neste último caso, embora estejam os alunos quiétos em suas carteiras, não há o que comumente se chama "escola antiga", rotina pedagógica, etc.. Não se verifica, é certo, a atividade física, atividade no sentido de realização, como diz Claparède; mas existe a atividade no sentido funcional: —todos os poderes mentais da criança entraram em ação, sua atenção focalizou-se na aula, ela acompanha, com interêsse, o que o mestre vai expondo ou explicando.

Considerando a atividade e passividade da crinaça no sentido de realização ou de expressão e no sentido funcional e de ideação, podemos estabelecer quatro tipos de aulas e seu valores respectivos:

1.º tipo: — Os alunos realizam, com verdadeiro interêsse, uma atividade qualquer — trabalho, exercício, desenho, pesquisa, experiência, etc. — relacionada com a aprendizagem de um ou mais pontos do programa.

Há, nesse caso, atividade no sentido de realização combinada com atividade no sentido funcional.

Toda a classe está ativa porque o quer, porque está interessada no trabalho: — é êsse o melhor tipo de aula. Demonstra que o professor soube despertar as forças latentes dos educandos e encaminhá-las no sentido indicado pela ciência da Educação.

Todas as matérias do programa podem ser adaptadas à vida, aos interêsses e necessidades da infância. John Dewey, o "pai da pedagogia moderna", afirma que não há um abismo entre as matérias do programa e a vida da criança.

A todo professor inteligente, que tenha gosto pela sua profissão, deparam-se numerosos recursos práticos para estabelecer, entre as disciplinas do programa e a psicologia da criança, relações que provoquem um trabalho ativo e eficiente.

Os jogos, os desenhos, as gravuras; uma palestra entusiasta e colorida; uma oportunidade aproveitável, acontecimentos da cidade ou do campo; a própria natureza, oferecem estímulos constantes e valiosos, capazes de provocar, na alma da criança, os impulsos utilizáveis na obra da educação.

2.º tipo: — Os alunos, imóveis em suas carteiras, acompanham com vivo interêse, a lição do professor. Êste, no quadro-negro, ou em sua cátedra, munido do material ilustrativo necessário, desenvolve, através de interessante exposição, um ponto qualquer do programa.

Os alunos ouvem e veem; não agem. Em lugar da expresão há, para a classe, a impressão, recepção ou

SÔBRE ELETRICIDADE

Palestra feita pelo prof. Pires e Albuquerque na RA'DIO INCONFIDÊNCIA

Vamos ter de 5 a 12 de Outubro uma semana de Eletricidade.

Seria talvez melhor dizer, para tranquilidade do meu infeliz ouvinte, uma semana de estudos de eletricidade. Não vá êle levado a supor que vamos ter uma semana em que as correntes elétricas andem por aí à sôlta a fazer travessuras e a nos atrapalhar a vida, pois a vida nos tempos que correm está presa por todos os lados a correntes elétricas e estas são inimigas fidagais ou são amigas, porque, quando duas delas se encontram, perturbam-se mutuamente como agentes que cordialmente se odeiam ou que muito se querem.

Pode pois ficar o ouvinte tranquilo que nessa semana haverá certamente correntes de idéias e, se correntes elétricas houver, estas serão perfeitamente disciplinadas e mansas.

Mas, afinal de contas que é a eletricidade ?

Eis aí uma pergunta a que felizmente para o meu paciente e duvidoso ouvinte, êle não tem meios de me res-

---

apreensão. Não se verifica a atividade no sentido de realização, mas sim no sentido funcional ou psíquico. Apenas o professor está ativo nos dois sentidos.

Neste típo de aula a atividade no sentido funcional acha-se combinada à passividade no sentido de realização.

Não é um critério depagógico condenável; pode próduzir valiosos resultados, especialmente se o professor, após a exposição, leva os alunos ao trabalho prático, ou de aplicação, por meio de questionários, redação, desenhos, resumos, etc..

3.º típo: — Os alunos executam, a contra-gôsto, um trabalho qualquer, que lhe é imposto pelo professor. Não houve, preliminarmente, por parte do mestre, a motivação da atividade, não procurou êste despetar o interêsse da classe pelo exercício em questão.

Toda a ação das crianças se desenvolve por espírito de obediência ou receio de notas inferiores. Faltou o elemento **predisposição.**

Há atividade no sentido de realização, mas passividade no sentido funcional. A ação se alia ao desprazer; a disciplina surge pela influência de motivos extrínsecos e não intrínsecos; os impulsos para o trabalho radicam-se a forças exteriores, que, neste caso, se resumem na autoridade do mestre; veem de fóra para dentro, e não de dentro pra fóra, como uma reação natural e espontânea da criança.

Êsse típo de aula é condenavel: prejudica a bôa formação da criança, levando-a a uma atitude de aversão ao trabalho.

4.º típo: — Os alunos, passivos no sentido funcional e no de realização, acompanham, sem desejar, por mero espírito de obediência, a aula do professor.

O assunto não foi prèviamente associado às atividades e interêsses inerentes à vida infantil.

O professor não soube ou não procurou canalizar as energias mentais da classe para o assunto que pretende explanar. Há, da parte dos discentes, desinterêsse a passividade mental e física.

E' êsse o pior típo de aula; a disciplina, em uma aula destas, só pode ser mantida pela força. A mais grave consequência dêsse regime é a formação, no espírito dos alunos, do pernicioso hábito de vagabundagem mental..

Como legítima defesa, a criança finge pertar atenção ao professor, mas sua mente volta-se para quadros mais atraentes da vida ou da natureza: — brinquedos ou outras atividades ligadas às suas maneiras de sentir e pensar.

ponder, porque, se o tivesse, não o saberia. Desculpe-me, meu amigo; não estou fazendo pouco no seu saber, porque não há em todo êste mundo tão amigo quem saiba dizer com precisão o que é eletricidade.

Se não, vejamos: abro um tratado de física dos mais afamados, procuro a definição de eletricidade e... nada; recorro a dois tratados de eletricidade e a mesma coisa: nenhuma palavra... Apelo para o guarda sol dos eruditos, o velho e sempre novo Larousse e encontro isto: "propriedade que teem todos os corpos de atrair em certas circunstâncias os corpos leves que os cercam, de emitir centelhas, de causar comoções aos ainmais".

Diga-me com franqueza, presado ouvinte: você está vendo aí esta eletricidade com que lidamos todos os dias?

Ou antes, não me diga nada porque eu não ouviria.

Não desanimo com êstes insucessos, recorro ainda a uma enciclopédia, por sinal americana, em dez volumes e encontro esta beleza: "Em física, o nome com que se desígna a causa de uma importante classe de fenômenos de atração e repulsão, de composições químicas, etc., ou coletivamente êstes mesmos fenômenos".

Esta tem ao menos a vantagem de conter um etc., espécie de recinto elástico em que podemos arrumar tudo quanto quisermos.

Procuro ainda... mas basta. Não vim aqui para obrigar os ouvintes da RA'DIO INCONFIDÊNCIA a me acompanhar de longe no afan de botar abaixo uma bibliotéca, à procura do que não se pode encontrar.

Tudo quanto podemos dizer da eletricidade é que ela é, para o sábio, a causa de todos os fenômenos cuja causa êle ignora: para o médico, um ótimo elemento terapêutico; para o engenheiro, um verdadeiro achado; para o estudante, um instrumento de bonde, já de partida. Mostrei-lhe um suplício e para todos uma servidora preciosíssima.

Ela entrou em nossa vida, integrou-se nela, tornou-se-nos tão necessária que já nos admiramos de que pudesse o homem viver sem ela tanto tempo.

Em casa ela é como que uma empregada para todo o serviço, que nos coze os alimentos, passa a roupa, ilumina os cômodos, varre e enverniza o chão, aquece-nos os dias frios e refresca-nos nos dias quentes, anuncia as visitas e o cobrador das prestações, leva as encomendas aos armazens e os recados aos amigos, traz-nos as harmonias dos estúdios e as notícias do mundo e ainda nos toma ao colo e nos conduz ás alturas vertiginosas dos arranhas céus.

Se saímos à rua, alí está ela a correr pelos cabos e descer pelas alavancas dos bondes para lhes tocar a manivela do motor ou então vamos encontrá-la escondida nos cilíndros do automovel a que dá a centelha da vida que o anima, e não contente com isto, ainda nos encanta nas ruas com a magia policrômica do gás neon.

Embora modestamente invisível, nós a encontramos, a cada passo, a pôr à nossa disposição os seus infinitos e preciosos préstimos.

E' verdade que ela às vezes embirra e faz greve. De outras enfurece-se, ruge, brame e fulmina, mas também quem é que não perde a paciência de vez em quando?

Eis aí, meu caro ouvinte, o que se vai estudar (e é um vasto campo de estudos), por iniciativa da Sociedade Mineira de Engenheiros, na semana de 5 a 12 de Outubro.

Tudo isso que acabo de dizer você guma coisa que lhe chamasse a atenjá o sabia, mas eu tinha de dizer alção para êstes sete dias próximos, e se eu pretendesse dizer qualquer cousa que você não soubesse, meu caro ouvinte, eu nada poderia dizer, porque você, ouvinte dos meus pecados, você sabe tudo muito melhor do que eu.

RELIGIÃO

SUMÁRIO:

—Formação Cristã da Infância—Waleska Paixão
—"Os Sacramentos"—Mons. Zambiasi Marino

Formação Cristã da Infância

Waleska PAIXÃO

A missão de educar não pode ter sua plena significação se os educadores não tiverem em vista, dominando e orientando todo o seu esforço, o fim último dessa missão: a glorificação de Deus pela santificação da alma do educando.

Outros fins mais próximos e menos elevados podem e devem pesar, nesse trabalho, tais como a felicidade, o bem estar, a saúde, o êxito numa carreira. Tudo isso, porém, perde sua significação, se não fôr subordinado ao fim último, e por êle orientado.

Três grandes deveres teem os pais, em relação à educação religiosa dos filhos:

PRESERVAR — CORRIGIR — CULTIVAR.

Êstes três cuidados são de tal modo interdependentes, que o mesmo meio de obter um serve a outro, embora isso não nos dispense de encará-los todos.

Assim, não há melhor preservativo do mal do que a oração. Não a oração maquinal, uma porção de palavras que a pessoa pronuncia sem pensar, mas a oração em que a gente fala a Deus com a alma e o coração. Ao mesmo tempo que preserva, dando-nos a graça de repelir as tentações, ajuda-nos nos esforços para nos corrigirmos e desenvolve-nos as bôas qualidades, dando também às virtudes que praticamos o caráter sobrenatural.

Se evito para uma criança uma companhia má, procuro, principalmente, preservá-la. Mas por isso mesmo, afasto os obstáculos à sua bôa formação e assim o favoreço.

O cuidado de preservar, corrigir, cultivar, deve acompanhar-nos em tudo que fizermos pelas crianças. E' bom lembrar que êsse dever é tão sagrado em relação aos meninos como às meninas.

Porque razão um menino, na opinião de muitos pais, pode andar na rua, com maus companheiros, arriscando a sua alma, quando a menina é cercada de todos os cuidados?

Haverá diferença no modo de educá-los, mas não nas cousas essenciais.

Preservar dos maus companheiros, das más leituras, dos maus espetáculos. Procurar ocupações agradáveis, puras e formadoras, serão cuidados a ter desde a primeira infância.

Antes de falarmos ligeiramente, como comporta o pouco tempo de que dispomos, sôbre as inúmeras oportunidades de educar que se encontram no lar, firmemos bem mais explicitamente, o espírito em que devemos educar. Resume-os admiravelmente Mons. Luiz de Gonzaga Moura, em "Resenha Ascética", citado por Pe. Alvaro Negromonte em sua "Pedagogia do Catecismo".

I — A graça de Deus seja o princípio de todas as ações.

II — O amor de Deus seja o motivo de todas as ações.

III — A vontade de Deus a diretriz de todas as ações.

IV — A presença de Deus presida a todas as ações.

V — A glória de Deus seja o fim de todas as ações.

A pais que se orientam assim, não será difícil educar, apesar de todos os defeitos que possam encontrar e dificuldades que venham a encontrar.

A vida cristã da criança começa com o batismo. Quais são os pais que preferem dar imediatamente aos filhinhos êsse tesouro da vida sobrenatural a retardar o batismo por razões tais como: a mãi poder assistir a festa, os padrinhos virem de fóra,etc ?

Essa vida cristã, se os pais a estimam devidamente, resume todo o programa de formação. Se educo visando uma vida cristã perfeita, formarei cristãos perfeitos.

E como poderão os pais formar êsses cristãos perfeitos, quando vivem em pecado mortal e no desprêso permanente das leis de Deus e da Igreja ? O que irão ensinar aos filhos, quando ignoram a doutrina cristã e descuidam de aprendê-la ?

Vamos, pois, supôr, desde já, que as mãis cristãs que me ouvem estudam seu catecismo, fazem alguma leitura espiritual, ao menos de vez em quando, não faltam à missa de preceito, aproveitando a ocasião para comungar, (se não o podem fazer mais frequentemente) cumprem habitualmente os deveres de estado, os de justiça e caridade para com Deus e o próximo. Sopondo tudo isso (o que não é provavel que a maioria já faça) ainda teremos o que aprender para dar aos pequeninos uma bôa formação.

Apenas a criança começa a tomar conhecimento das coisas, tudo concorre, direta ou indiretamente para educá-la ou para deseducá-la.

Os pais cristãos devem, pois, pensar seriamente na sua responsabilidade e preparar o ambiente de tal modo, que as primeiras impressões da criancinha contribuam poderosamente para torná-la uma bôa cristã.

O Ambiente. Uma palavra o resume: ambiente cristão. Primeiro pela ausência de qualquer cousa anti-cristã. E aí, não se trata apenas de afastar as grvuras contrárias moral ou os vestuários pouco de acôrdo com a modéstia. Há uma tendência de muitos dentre nós a achar que está tudo ganho quando não se fere a pureza. Mas isto está longe de bastar. Na casa do rico, o amontoado de objetos raros e trastes inúteis, o excesso de seperfluo e o cuidado desmedido dos bens terrenos e das vaidades, estão longe de ser uma preparação para a criança compreender o Evangelho que diz: "Buscai primeiro o reino de Deus e sua justiça e o resto vos será dado por acréscimo."

Longe também de ser uma preparação para a caridade fraterna, quando o menino vive rodeado de luxo e vai depois defrontar a pobreza e mesmo a miséria dos outros, sem que lhe tenham aberto o coração para compadecer-se e a mão para repartir.

Quando a criancinha começa a reconhecer as pessoas que a cercam deve ter também a oportunidade de conhecer o Pai e a Mãi do Céu, os quais estará abituada a ver nos quartos e na sala de visitas, no lugar de honra. Pobres, ricos ou remediados, devem todos os pais ter o cuidado de proporcionar às crianças, desde cêdo essa visão de Jesus e Maria, como os sêres mais queridos e venerados no lar.

Muito antes de saber falar, pode saudá-los habitualmente, com um beijo. Depois vem o "Bom dia" ou a "Benção" a Papai e Mamãi do céu. As pequeninas formulos de pedido para si e os seus. Os agradecimentos, o pedido de perdão após alguma teima, briga ou mácriação. Se a criança vê os pais rezarem de manhã e de noite, facilmente rezará também. E' preciso, porém, muito cuidado para não impôr aos menorezinhos, longas orações. E' ótimo fazer os mais velhos rezarem em comum. Porém o pequenino só mais tarde tomará parte nessa oração.

Aos poucos virão algumas formulas da Igreja: Ave Maria e Padre Nosso, devem estar sabidos e entendidos de um modo geral antes de ingressar o menino no grupo. Não é preciso ensinar o Pelo Sinal. Basta o Nome do Padre. O importante é que a criança ame a oração de acôrdo com a sua capacidade, para que esta acompanhe todos os progressos de sua vida, e a leve a ser o cristão que não pode passar sem estas constantes relações com Deus; e não reza só para pedir e para pedir bens temporais, mas sabe pedir os bens espirituais, louvar e agradecer a Deus, pedir pelos vivos e mortos, vencer, pela oração, as tentações.

Quando se passeia com um pequenino, nada custa entrar um momento na Igreja, visitas essas que pouco a pouco podem atingir uns 5 minutos, durante os quais a mamãi explica quem mora no sacrário, mostra a lampada acêsa, faz dizer uma pequena oração a Jesus e Maria.. A criança vai gostando da Igreja, habituando-se à oração e preparando-se para quando tiver obrigação de assistir a Missa.

Sacramentos. Outro cuidado das mãis: procurar que as crianças apenas tenham uso da razão, recebam a crisma, a penitência e a Eucaristia. Será preciso lembrar aqui a obrigação imperiosa de assistir a Missa e ensinar pelo exemplo êsse dever. Colaborem na preparação da Escola, falando com as crianças sôbre êsses sacramentos e as condições para recebê-los, em vez de falarem, como tantos, no vestuário e nos doces da festa. Depois da primeira comunhão, não está tudo terminado. Pelo contrário, vão começar as grandes responsabilidades. E' preciso orientar as crianças para a confissão e comunhão frequentes em vez de fazer como certas mãis que além do máu exemplo que dão, não indo à Igreja, ainda impedem os meninos de se aproximar de Nosso Senhor. Nessa ocasião que bem poderiam fazer os pais que se aproximassem cada domingo da santa comunhão! Principalmente se, ao lado das práticas de piedade, dessem aos filhos os exemplos das outras virtudes que fazem o homem honrado e o bom cidadão! Não se esqueçam também de aprender e ensinar as partes essenciais da Missa para que os pequenos aproveitem bem dêsse áto que é o maior da Religião.

Cumprimento do dever. Muito importante também na formação religiosa, é ensinar o caráter sagrado do dever. E' claro que o faremos com palavras ao alcance das crianças. Estudar, obedecer, ser bom com os irmãos e companheiros, para agradar a Nosso Senhor, ora como sacrifício que lhe oferecemos, principalmente na quaresma. Isso tudo, lembrado a propósito, sobrenaturaliza o dever e garante melhor seu cumprimento do que as constantes repreensões e castigos.

Virtude e apostolado. Não se contentem as mãis com salvarem a alma de seus filhos. Procurem fazê-los santos. Por isso, lembrem-se de praticar e fazer praticar essas virtudes cristãs, tão desprezadas, da mortificação, da modéstia no vestuário, do respeito aos pais e superiores, destacando de modo particular o respeito e a veneração pelo sacerdote, principalmente pelo vigário de nossa paróquia. Em tudo isso deve e pode sempre entrar o motivo de fé, que elev aas virtudes humanas à ordem sobrenatural. Por êsse caminho em que gradualmente se vai expandindo uma vida cristã, cada vez mais profunda, é de esperara que desabroche em muitos o desejo do apostolado.

Um minimo de apostolado, tal como rezar pelas intensões da Igreja ou pelas missões, toda criança deve realizar.

Mais próximo de qualquer um ainda êsse apostolado de proporcionar a um moribundo a recepção dos sacramentos.

E os pais devem estimular seus esforços nesse sentido. A escola os facilita nas diversas associações infantís, como a Cruzada Eucarística, onde o apostolado é um dever. Preparem-se também os bons pais sinceramente religiosos, para dar a Nosso Senhor de bom coração os seus filhos, quando Êle lh'os pedir. Antes de pertencerem aos Pais, pertencem a Deus. E é grande honra para uma família, quando Nosso Senhor nela escolhe algum membro, para elevá-lo à dignidade sacerdotal, dedicando-se inteiramente ao serviço de Deus e à salvação das almas.

Resumindo, pois, levem as mãis de família a sério o seguinte: Cumpram bem seus deveres religiosos e rezem por seus filhos. Procurem dar-lhes bom exemplo.

Não lhes retardem o batismo, nem a recepção dos outros sacramentos. Procurem torná-los assíduos à confissão e a comunhão.

Ensinem, desde cêdo, a rezar, pelo menos, tanto com o coração como com os lábios. Não se contentem com vê-los egoistamente ocupados de sua própria alma, mas orientem-os para o apostolado.

Êsses esfóços serão abençoados por Deus. por Nosso Senhor que quiz viver trinta anos a vida de família, por N.ª Senhora que é o modêlo de todos os cristãos, mas que certamente deve ter um especial cuidado para ajudar as

Mãis que sinceramente querem cumprir seus deveres.

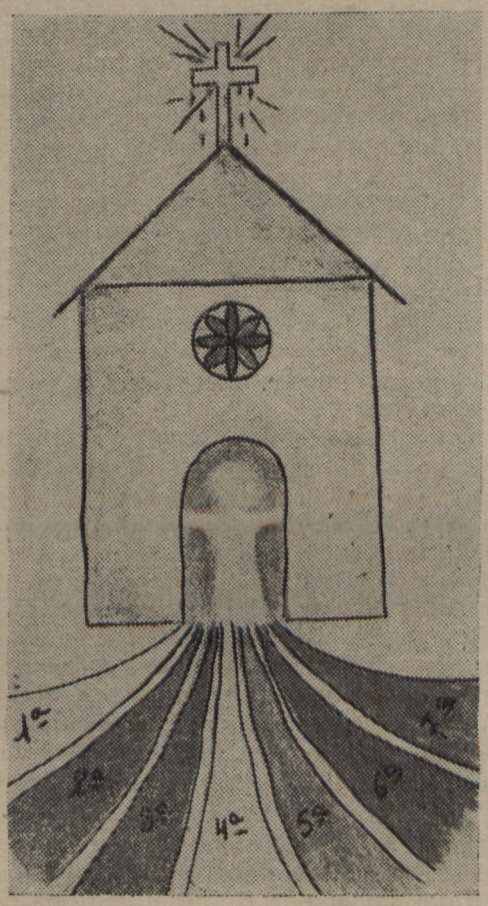
E Nosso Senhor que prometeu recompensas tão grandes às menores ações feitas por seu amor, não fará menos por essas mãis generosas, do que dar-lhes a graça imensa de gozarem da sua visão, no céu, rodeados dêsses filhos, pelos quais tanto sofreram, lutaram e trabalharam, porque não quizeram amá-los só para si e para a terra, ms primeiro para Deus e para a eternidade.

—o—

"Os Sacramentos"

(Mons. Zambiasi Marino)

Traduzida e adaptada para "EDUCANDO" por E. Ciodaro.



MATERIAL:

Desenha-se com poucas linhas uma igreja. Ao alto, sôbre ela se vê uma cruz da qual goteja sangue.

Da porta saem sete torrentes de diversas côres.

A 1.ª e a 4.ª serão de côr branca; a a 2.ª de côr vermelha; a 3.ª de côr amarela; a 5.ª de côr rôxa; a 6.ª e a 7.ª de côr verde.

EXPLICAÇÃO:

Os sacramentos foram instituidos por Jesus Cristo. Êstes nos aplicam os méritos de sua paixão. São portanto, o fruto de seu sangue. Eis aí, o significado da cruz e do sangue que goteja. Os sacramentos foram confiados à igreja que é a sua única dispensadora. Por isso, nós vemos sair da sua porta sete torrentes de água. (Na liturgia pascial, antes da missa solene, se canta: "Vidi aquan". Eu vi uma água misteriosa sair do templo e todos aqueles que a receberam foram salvos) Estas águas têm pois diversas côres.

A 1.ª e a 4.ª são o sacramento do batismo e o da penitência. Têm a côr branca porque êstes dois são os sacramentos dos mortos e dão a graça e a pureza às almas que se encontram na escuridão do pecado.

A 2.ª é vermelha porque vermelho é o fogo sob cuja forma desceu o Espírito Santo, no dia de Pentecoste e vermelho é o sangue que derramaram os mártires de Cristo de quem são soldados. O Crisma dá portanto, o Espírito Santo.

A 3.ª, a Eucaristia, se representa côr de ouro, porque não só contém a graça, mas o autor da santidade.

A 5.ª é rôxa e representa a Extrema Unção, porque, sendo êste sacramento destinado a apagar as impurezas do pecado, se parece com os raios do sol, os quais possuem uma potente força desinfetante (raios ultravioletas) e a violeta cresce resignada mesmo entre espinhos.

A 6.ª e 7.ª são verde porque representam a eterna juventude, que se renova na igreja com sacramento da Ordem e na sociedade, com o matrimônio que constitue a família.

NOTA — Não sendo possível o desenho a côres no quadro negro, a professora poderá apresentar o desenho previamente feito, em cartolina. A experiência desta aula mostrou que os resultados serão sastifatórios.

Questões de Português

Lourenço de OLIVEIRA

O INFINITO PESSOAL E O IMPESSOAL

SUMA'RIO — Questão difícil. Infinito auxiliado e infinito não auxiliado

Telefonou-me uma professora do Corpo Técnico da Secretaria da Educação, pedindo-me a orientasse em certo problema do infinito português. Respondi-lhe o que convinha, ao telefone, e prometi que trataria da matéria em proxima edição de "EDUCANDO".

Promessa feita, quase me arrependi, pois a questão é sovada, ingrata e insoluta. Teem-na tratado, comumente, os gramáticos: respigam exemplos de mestres, interpretam-no com vária exegese, opinam e sugerem e propõem, sem que cheguem a determinantes claras nem satisfatórias.

Nenhum conseguiu armar bem a equação, e os dados parecem irredutíveis a algum princípio comum. Escolher entre a pessoalização ou a impessoalidade do infinito continua uma opção do gôsto estético, regido pelas necessidades da clareza e da preferência expressiva.

Não imagine, pois, a minha distinta consulente telefônica, vá eu clarear tão enevoada região da linguagem portuguesa, purgatório dos devotos da precisão.

E' sabido que a pessoalização do infinito é riqueza e privilégio da nossa língua. E' um idiomatismo antigo. Ao infinito que nos legou o latim, deram de endereça-lo um dia com a característica da pessoa, os criadores da língua de Camões. Mas creada a pssoalização, creada a dificuldade!

Aliás, a expressão "infinito pessoal" encerra uma contradição. Com efeito, o chamado "modo infinito" significa não terem os seus tempos, nas flexões, o endereço da pessoa do discurso. Justamente porque caracterizam, flexionalmente, esta pessoa, são chamados "finitos" os modos **indicativo, imperativo** e **subjuntivo**. Ora, se "infinito" (ou infinitivo) nos diz "não caracterizado na pessoa do discurso", ser **pessoal** é justamente não ser **infinito**; ser **pessoal** e ser **finito.**

Fique, pois, relembrado, antes de entrarmos no assunto, que o verbo tem formas "finitas" e formas "infinitas". E são de forma "infinita" o **infinito impessoal,** o **gerúndio** e o **particípio passado**.

Dois doutrinadores costumas reproduzir as gramáticas, expondo a questão do infinito: Jerônimo Soares Barbosa, autor de uma GRAMA'TICA FILOSO'FICA DA LINGUA PORTUGUESA (1803) e Frederico Diez, sábio glotólogo alemão, autor de uma GRAMA'TICA DAS LINGUAS ROMÂNICAS (1844).

O critério proposto por Diez explica que o infinito é **pessoal** tôda vez que sua forma pode ser trocada por uma forma de **modo finito**; ex.: "é preciso **estudares**" (**estudares** é igual a: **que estudes**).

Das regras de Soares Barbosa, ficou divulgada aquela que se baseia na individualidade ou comunidade do sujeito. E ela diz que o infinito será **pessoal**, quando êle tenha sujeito próprio, diverso do sujeito do verbo finito que o acompanhe; ex.: "chegou a hora de **estudarmos** (o sujeito de "chegou" é diferente do sujeito de "estudarmos").

Entretanto, se repito a repetida regra de Soares Barbosa, lá nos virá o emerito professor Said Alí (DIFICULDADES DA LINGUA PORTUGUESA) a dizer que muito mal nos tem feito já, essa doutrina de Soares Barbosa.

Recomendaria eu aos torturados do infinito que leiam o tratado do professor Said Alí, no livro acima nomeado. E' o que de melhor existe a respeito. Examina êle o infinito nas duas posições em que sintáticamente apa-

rece, na construção portuguesa, e a que chamaremos de "infinito auxiliado" e "infinito não auxiliado".

O infinito auxiliado forma um como todo com o verbo finito que o auxilia. Saíd Alí consegue congregar três classes de auxiliares. Chama-lhes auxiliares **modais, causativos** e **acurativos.**

Alguns exemplos de auxiliares modais: — **podemos** estudar; não **sabeis** fingir; **queriam** resolver a questão.

Alguns exemplos de auxiliares causativos: — **fizemos** sair os homens; **mandaram** buscar os livros; **deixai** vir as criancinhas.

Alguns exemplos de auxiliares acurativos (os quis determinam melhor o tempo da ação) : **começo a** escrever, **continua a** escrever, **acabo de** escrever, **torno** a escrever. . .

Já percebeu a inteligente leitora que o infinito **auxiliado** é um infinito **impessoal.**

E quando ela se achar ante a temida concorrência das formas finita e infinita, procure descobrir se o sentido principal está na forma infinita, porque assim verificará também que a forma finita será a de um verbo auxiliar. Examine o exemplo — **não ousaram os homens reagir**. De que se trata: de **ousar** ou de **reagir**? Certamente que de **reagir**, que é um infinito auxiliado, enquanto **ousaram** é um verbo auxiliar.

Nos exemplos vistos, o infinito tem sujeito comum com seu auxiliar, exceto no caso dos auxiliares causativos, em que tem cada verbo seu sujeito.

Infinito não auxiliado. O segundo caso é o do infinito independente de auxiliar. Poderá vir sôlto, como pura forma nominal, ou sintàticamente combinado com alguma forma finita; ex.: **estudar** é útil; cumpre **partires**; "não te espantes de Baco nos teus reinos **receberes**". Poderá ter sujeito seu, ou comum com o verbo finito.

O infinito sôlto, indicando ação geral, não se flexiona: — **viver** é **lutar**.

O infinito não auxiliado, mas sintàticamente conjugado com um verbo finito, costuma flexionar-se (pessoal), de acôrdo com a simples norma da concordância, com as exigências da **clareza**, ou ainda, as intenções da **ênfase,** também chamada realce.

Suponhamos a frase — "perdemos; não vale a pena **continuar**." O verbo "continuar" não traz enderêço do agente. Não interessou declarar quem não devia "continuar". Mas esta declaração estaria manifesta na variante: "Perdemos; não vale a pena **continuarmos**."

Dois casos, tomados a Camões, o prof. Saíd Alí muito bem examina e defende. E' um de clareza e outro é de ênfase ou realce.

O primeiro é o "não te espantes de Baco nos teus reinos **receberes**." Já quiseram corrigir o Camões. Ora, se o poeta escrevesse "receber" estaria deturpado o sentido, pois não seria mais Netuno a receber Baco, porém sim, o Baco a "dar recepções" nos reinos de Netuno. No entretanto, pela regra de Soares Barbosa. . . o Camões estaria errado.

O segundo caso é o "folgarás de veres" que o emérito professor brasileiro mostra ser um caso de ênfase.

Minha distinta consulente, vejo que ficou muito mal cosido (ou cozido) tudo quanto disse. E muita cousa ficou por dizer. Ficou e ficará. Já imagino a nosso diretora, Marieta Leite, franzindo sobrolhos com a extensão e lenga-lenga da secção. Se quiser, também, considere tudo como inútil e vá ler os mestres, marcando-os a unha ou a lapis, nos seus infinitos. Verá que reina entre êles uma misteriosa liberdade, num grande número de casos.

Dou-lhe aqui. de presente, alguns curiosos exemplos que me dá o saudoso professor Firmino Costa, no seu LE'XICO GRAMATICAL:

"Pecar é APAGAREM-se as alâmpadas às virgens néscias; pecar e emudecer é APAGAR-se-lhes as alâmpadas e FECHAR-se-lhes a porta." (VIEIRA).

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

Educação Sensorial

Numa classe do 1.º ano constituida por 14 alunos, cujo Q. I. varia de 31 a 86, a educação dos sentidos tem uma importância primordial.

Ora, sabemos que a educação dos sentidos se faz pelo treino repetido de exercícios bastante interessantes. Diz M. Montessori: "A repetição dos exercícios não se limita, apenas, numa ginástica psico-sensorial; também prepara uma atividade particular de associação espontânea entre as idéias numa ordem de raciocínio que desenvolve sobretudo conhecimentos positivos finalizando num equilíbrio harmônioso de inteligência. Desta ginástica nascem e desenvolvem-se as causas das explosões psiquicas que surpreendem alegremente a criança, quando esta faz uma descoberta no mundo exterior, quando ela medita, quando admira as cuosas de fóra, que se revelam nas esquesitas emoções interiores de sua conciência e quando, enfim ela sente nascer em si, pela natureza expontânea, os fenômenos de desenvolvimento interior, os produtos da conciência: a leitura e a escrita".

O método seguido por nós visou: a) exercitar os sentidos da criança; b) desenvolver a capacidade mental; c) acompanhar seus progressos; d) medir suas capacidades intelectuais.

O material adotado na classe teve por fim exercitar os sentidos da criança, familiarizando-a com a côr, forma e posição num trabalho essencialmente psico-sensorial.

Foi para êste fim utilizando neste ano, além de outros, o material didático de Vilas Bôas "Jogos" da autoria de Mme. Artus.

Consideramos êste material pedagógico por excelência, pois, êle não fatiga a criança e por mais que ela repita o mesmo jôgo sempreo deseja.

Cada série de Jôgo compõe-se de 4 a 6 cartões grandes com gravuras,

Cada série de Jogo compõe-se de 4 acompanhados de estampas isoladas.

As séries são dadas em etápas.

Na primeira etápa a criança recebe um cartão grande e as estampas para a identificação da côr, forma ou posição.

Na segunda etápa a criança recebe os cartões grandes de dois a dois para a respectiva identificação.

3.ª etápa. Nesta etápa a crianãa recebe todos os cartões grandes e as es-

---

"...a arte de conservar a paz não é tanto PROCURAR agradar uns aos outros, quanto SOFREREM-se uns aos outros." (BERNARDES)

"Que grave culpa será logo não APROVEITARES esta graça, e... PORTAR-te com a negligência..." (BERNARDES)

"Ora vê, rei, quamanha terra andámos / sem SAIR nunca dêste povo rudo, / sem VERMOS nunca nova nem sinal / da desejada parte oriental". (CAMÕES)

"E' possíivel que se abram as portas para ENTRAR javalis, e fechem-se para não ENTRAREM os sacerdotes..." (BERNARDES)

E por aí vai a resenha...

Conta uma anedota que Gambetta, estudante, se entusiasmara com a clareza do seguinte texto: "Todo condenado à morte deve ter a cabeça cortada". E apostou (eram exames), apostou com colegas que começaria com êste texto a sua prova oral, fosse qual fosse o ponto. A' hora de o sortear, caiu-lhe: Hipotécas". Os apostadores antegozavam a derrota do jovem Gambetta. Com espanto da junta examinadora e de todos, o examinado começou: "Todo condenado à morte..." E logo acrescentou: "Antes fosse clara, assim, a legislação sôbre as hipotecas..."

E nós diremos:" Antes o fosse, também, a legislação sôbre o infinito!"

NOTA — Consultas para esta Redação.

tampas resolvendo de uma só vez todas as dificuldades da série.

Compõe-se o material Vilas Bôas das seguintes séries: 1.ª série A — com 9 jógos; 2.ª série A — com 14 jógos; 1.ª série B — com 2 jógos; 2.ª série B — com 4 jógos e a série C — com um jôgo.

Os jogos de cada série teem por fim educar e aperfeiçoar os sentidos, a observação, a atenção, a memória, o raciocínio e dar conhecimento de linguagem, leitura, cálculo, desenho, modelagem, trabalhos manuais, etc..

Na classe já mencionada foram aplicados os jogos A — 1, A — 2, A — 3, A — 4, A — 5, A — 6, e A — 7 da Primeira Série A.

Valores dêstes jogos — Os jogos da primeira série A despertam na criança reações formando estimulantes sensoriais graduados.

Desenvolvem e aperfeiçoam a percepção descriminativa da criança com os exercícios repetidos.

Exemplo: Série A — 7 (matizes e côres) a criança não só faz a identificação ou o reconhecimento das côres como exercita sua observação, sua atenção, chegando à discriminação de diferentes intensidades de uma só côr.

Os exercícios da série A são verdadeiros testes intelectuais, medem e controlam o êrro da criança.

Objetivos — A primeira série de exercícios foi adotado no seguinte ordem de dificuldades — A — 1, A — 2, A — 5, A — 6, A — 3, A — 4, e A — 7, com os objetivos:

1.º) Associação da percepção sensorial com o nome — linguagem.

2.º) Reconhecimento de formas, côr e posição — Memória.

3.º) Raciocínio.

4.º) Desenvolvimento social.

Primeira série — A — 1

Processos:

a) Apresentar à criança um cartão pequeno dizendo o nome da gravura — ex.: laranja. Pedir a ela para repetir o nome.

b) Reconhecimento das gravuras no cartão de identificação.

Proceder assim com todos as gravuras, seguindo as etápas do jôgo.

Primeira série — A — 2.

a) Apresentar à criança um cartão do n.º 1 dizendo as côres da gravura; deixar à sua vista.

b) Pedir, depois, uma das duas côres apresentadas.

c) Dar os cartões de um a um para identificação das côres e da posição.

d) Dar toda a série para identificação da côr e posição.

Primeira série — A — 5

a) Associar a forma ao objeto com o nome.

b) Identificação pela forma de cada cartão.

c) Identificação pela forma de todos os cartões.

Primeira série — A — 6.

a) Identificação das linhas segundo a posição. Cada cartão separadamente.

b) Identificação das linhas (posição) de todos os cartões.

Primeira série — A — 3

a) Identificação de animais de cada cartão separadamente com os respectivos nomes.

b) Identificação de animais de todos os cartões.

c) Posição — direito e esquerdo.

Primeira série — A — 4.

a) Exercício de observação de posições em cada cartão.

b) Exercício de observação de posições com os cartões de dois a dois.

c) Exercício de observação de posições com todos os cartões.

Primeira série — A — 7.

a) Escolher primeiro duas côres vivas, dar os respectivos nomes.

b) Aumentar progressivmente o número de côres.

c) Separar dois a quatro cartões da mesma côr, mas, de diferentes intensidade, dispostos pela ordem de gradação.

d) Encontrar 2 a 4 gradações de côres diferentes. Graduar as dificuldades até separar todas as côres da série.

e) Colocar os cartões segundo a intensidade das côres começando pela mais forte e terminando pela mais fraca.

c) Mostrar uma côr das mais vivas à criança, esconder e pedir outra igual.

Observações — Os exercícios ou jogos apresentaram dificuldades que foram classificadas numa ordem cre-

scente. A professora precisa despertar **continuamente** e **ativamente** a atenção da criança sôbre o objeto instigando sua observação e comparação.

As crianças cujo Q. I. varia de 63 e 86 executam o jôgo, num trabalho individual, completamente obsorvidos, chegando a ficar 30 a 50 minutos concentradas, procurando vencer por si as dificuldades das séries apresentadas.

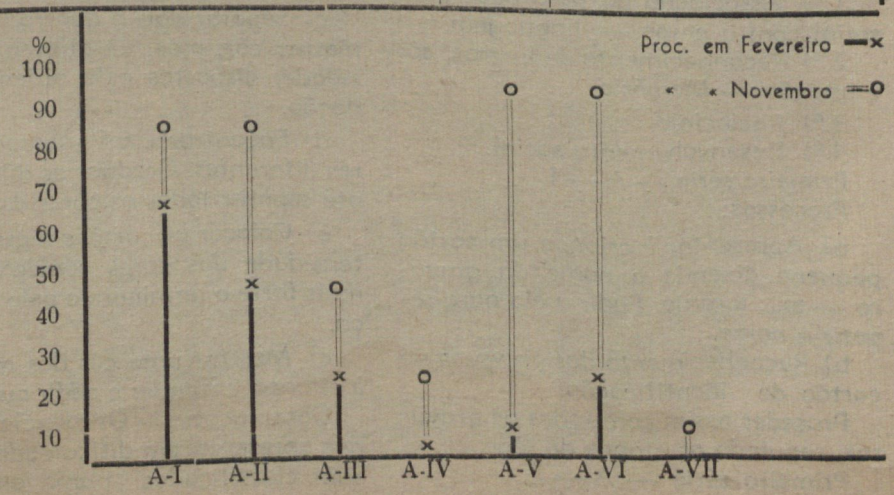
Além das identificações as crianças reproduzem também todas as posições mais interessantes dos jogos, copiam os desenhos, as côres, excedendo assim ao trabalho apenas sensorial.

A côr, a forma, ou posição do objeto são atentamente observadas e grande é o interêsse das crianças em fazer o jôgo. Se si enganam percebem logo pelo próprio jôgo e logo procuram corrigir o seu êrro. Assim o próprio jôgo, isto é o material Vilas Bôas controla o êrro da criança que, ou experimentando ou por golpe de vista procura corrigir e não deixa o trabalho senão depois de pronto e certo. Está aí a importância educativa dêste material didático.

Já entre as crianças de nível mental mais baixo, isto é, de Q. I. que varia de 31 a 56 não observam senão os caracteres gerais de cada cartão. Ex.: Primeira série — A — 2 (atitudes e côres diferentes da criança e dos balões. A primeira vez que o jôgo era executado a criança não observava no cartão pequeno nem a atitude da menina nem a côr correspondente a do cartão grande. Então necessário se torna a intervenção constante e discreta da professora para que ela própria reconheça o seu êrro e faça a correção. A ação de corrigir a si mesma concentra a atenção da criança sôbre as diferenças de forma, côr ou posição levando-a a observar, comparar e até deduzir, consistindo num ótimo exercício psico-sensorial sua auto- correção ou auto-educação.

Considerando os resultados dos jogos de cada série realizados a primeira e a última vez pela criança, isto é, em Fevereiro e em Novembro notamos a seguinte porcentagem:

			%		%
A-1	Diversos objetos	7	77	9	100
A-2	Atitudes e cores	5	55	9	100
A-3	Posições: direito e esquerdo	3	33	5	55
A-4	Posições: direito, esq. em cima etc.	0	0	3	33
A-5	Formas dimensões-posição-cor	2	22	9	100
A-6	Linhas Geométricas	3	33	9	100
A-7	Matizes e cores			1	11
	TOTAL DAS CRIANÇAS - 9				

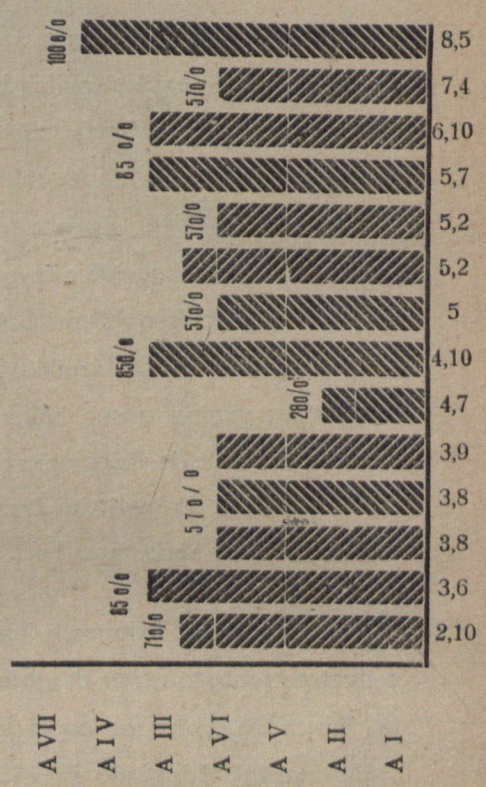


Conforme mostra o gráfico as dificuldades das séries A — 1 A — 2 A — 5 e A — 6 foram vencidas com mais facilidade, enquanto que as séries A — 4 e A — 7 ofereceram maiores dificuldades. Classificando os jogos segundo estas dificuldades e considerando o nivel mental da classe obtivemos a seguinte porcentagem:

Total de alunos: 14

I. M. pela escala métrica Binet e Terman

N. da Matr.	J R	J M	A I	A II	A V	A VI	A III	A IV	A VII	PORC. %
461	8;8	2;10	x	x	x	x	x			71
166	9;6	3;6	x	x	x	x	x	x		85
502	8;11	3;8	x	x	x	x				57
366	9;11	3;8	x	x	x	x				57
54	5;5	3;9	x	x	x	x				57
539	11;9	4;7	x	x						28
394	7;8	4;10	x	x	x	x	x	x		85
372	9;3	5	x	x	x	x				57
525	9;5	5;2	x	x	x	x	x			71
141	1 0	5;2	x	x	x	x				57
485	7;6	5;7	x	x	x	x	x	x		85
503	9	6;10	x	x	x	x	x	x		85
471	7;11	7;4	x	x	x	x	x	x		85
31	14	8;5	x	x	x	x	x	x	x	100



Interessante e grandemente educativos são também os jogos de segunda Série A, Série B e Série C. Apresentaram, entretanto, algumas dificuldades na sua aplicação que devem ser mencionadas: Os jogos são individuais. Ex: Segunda série — A — 5. Segunda B — 3, etc. e apenas um exemplar não poderá satisfazer a uma classe. (sendo dispendioso o material não poderá haver na classe tantos exemplares

Sugestão — Tratando-se de um material por excelência educativo que tão bem satisfaz a pedagogia moderna, tomamos a liberdade de apresentar as seguintes sugestões:

1) modificar a primeira série A segunido a ordem de dificuldades: A — 1, A — 2, A — 3, A — 4, A — 7, A — 8 e A — 9 segundo a análise feita e já mencionada.

2) Reduzir o preço das séries de jogos, afim de aumentar o número de exemplares, tornando assim o material accessível a grande número de escolas primárias brasileiras.

Conclusões com a série A — aplicada durante o ano letivo na classe referida no princípio dêste trabalho, os alunos conseguiram: 1) perceber as forma; 2) distinguir as côres pelo menos as mais vivas; 3) posições, direito, esquerdo, alto, baixo, adiante, atráz; 4) atitudes, pulando ,correndo, etc..

Os exercícios com as séries Vilas Bôas, ainda desenvolvem à criança sob o ponto de vista moral e social. Dão a criança ótimas oportunidades de reconhecer o seu êrro e procurar corrigir, perceber discretamente o erro dos colegas, respeitar a opinião dos outros, aceitar estas opiniões, ter atitudes de sinceridade e de delicadeza, ganhar o hábito de trabalhar sozinho.

EDOUARD CLAPARÈDE

O mundo que estuda, que pensa, que acredita, ainda, que acima do poder explosivo das bombas, dos aviões ou da destruição provocada pela força mortífera dos obuses, encontram-se os princípios do Direito, da Moral, da Civilização, o mundo que acredita que a Educação pode ainda melhorar a Humanidade, êsse mundo acha-se comovido e reverente diante do túmulo de Edouard Claparède falecido a 1.º de Outubro do corrente em Genebra.

"EDUCANDO", órgão oficial da A. P. P. M. G. presta também nessa página a sua homenagem comovida ao grande sábio suisso, professor de Psicologia da Universidade de Genebra e fundador em 1912 do Instituto Jean Jacques Rousseau, centro irradiador mundial de uma nova Educação baseada em princípios científicos.

E nós que tivemos a honra e a felicidade de conviver com o ilustre cientista autor de obras de valor incontestável no campo da Educação, entre as quais Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental, Educação Funcional, nos dias tormentosos da Revolução do Outubro, podemos aquilatar da grande perda que os meios educacionais acabam de sofrer.

Diante da sua modestia, da sua simplicidade, do seu trato ameno, cordial, (viveu durante sua estada entre nós, conosco na Escola de Aperfeiçoamento onde tomava suas refeições entre as alunas convivendo com as crianças das classes primárias), não se poderia supor encontrarmo-nos diante do cientista invulgar que foi Claparède. A grande hecatombe que cobre o mundo não permitiu pudesse avaliar-se no momento a grande perda que representa a sua morte.

De uma cousa, porém, estamos certos. Edouard Claparède viverá no coração e na inteligência de todos os educadores que ainda crêem que a Educação há de melhorar os homens, se Deus quizer.

Paz à sua nobre alma.

Letícia Chaves CAMPOS

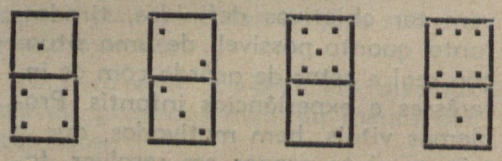
Iniciação ao cálculo

L. MONTANDON

As operações aritméticas podem ser iniciadas logo que os alnos conheçam o valor dos algarismos até 9, consistindo elas em exercícios orais que se fazem através de pequenos problemas e de representações concretas. Os problemas quando bem organizados, sob forma de pequenas histórias devam as crianças a ter uma idéia das grandezas sôbre as quais operam, bem como das suas relações.

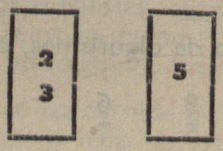
Os trabalhos de decomposição e recomposição dos números de 1 a 10, podem se fazer por meio de variadas atividades e jogos interessantes, usando-se coleções de cartões, desenhos no quadro, objetos contidos na própria sala de aula, etc..

Para êsses trabalhos preliminares são muito indicadas as figuras numéricas de Lay:



Com êsses cartões os alunos poderão iniciar-se nos trabalhos de soma; compreenderão com facilidade a composição dos números; verão, por exemplo, que o número 5 é formado de 1 + 4, de 2 + 3, etc.. Com êsse material organiza-se interessantes jogos muito do agrado das crianças. No verso dos cartões pode vir o total das bolinhas aí representadas, que será apresentado aos alunos quando esitarem na resposta.

Mais tarde, quando os alunos souberem representar os algarismos graficamente. pode-se substituir êsses cartões por outra série onde se escre-



vem os algarismos dispostos como para a soma au subtração, conforme o objetivo, e no verso, o resultado. A' classe, dividida em partidos, a professora apresentará os cartões; ganhará um ponto para o seu partido o aluno que disser primeiro o resultado. Se a resposta não vier logo, a professora voltará o cartão mostrando o resultado, para, assim, habituar os alunos a cálculos rápidos e precisos, sem se servirem dos dedinhos. . .

Nesse período da aprendizagem devem ser feitos muitos exercícios de recomposição, como por exemplo: de um número conhecido dá-se uma parte para os alunos acharem a outra. Usar para êsse fim, objetos, desenhos, cartões, passando-se em transição suave para as soluções abstratas que poderão ser orais ou escritas. Exemplo: A professora de Maria necessita de 5 lapis para dar a uns meninos; tem 3 lapis sôbre a mesa; qantos mais preciso ela? Ou então, exercícios assim: 2 + . . . = 5 . . . + 4 = 5.

Uma vez compreendida pela criança a operação de somar (juntar) a professora passará aos exercícios es-

INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

Dr. Hilton Rocha
Livre-Docente de Clin. Oftalmológica das Facs. de Medicina das Univs. do Brasil e de Minas Gerais

Dr. Pinheiro Chagas
Oto-rino-laringologista do Instituto Raul Soares e do Hospital São Francisco de Assis

Consultas Diárias das 3 ás 6 -- Edificio Cine Brasil - Salas 608 a 614 -- Telefone, 2-3171

critos de soma e subtração de algarismos não excedendo a 10. (São 25 as combinações cuja soma não evcede a 10) Êsses exercícios devem vir precedidos de problemas simples e práticos e se possível com liustrações adequadas.

A êsse primeiro passo da soma seguir-se-ão os seguintes:

2) Soma de três algarismos não excedendo a 10.

2
3
1
—

3) Soma de algarismos, excedendo a 10:

8	6
5	7
—	—

4) Transferências dos fatos simles conduzindo a somas mais elevadas.

Os alunos sem dificuldade poderão aprender que $5+3=8$; $15+3=18$, etc..

) Soma de húmeros compostos, atendendo as seguintes etapas:

a) soma de números compostos sem reserva:

23
14
—

b) soma de números compostos com reserva:

37
25
—

c) soma com zeros no final e intercalados:

20	305	2.º ano.
42	35	
—	--—	

(A esta altura as crianças já devem ter conhecimento das dezenas).

A subtração dada simultâneamente com a adição acompanha os mesmos passos da soma.

Quanto à multiplicação pode ser dada aos principiantes como uma soma abreviada, sendo fácil a êles compreender que $2+2+2$ representa três vezes o dois, passando-se naturalmente ao emprêgo da expressão "**vezes**" e à indicação 3×2.

Também a noção de divisão pode ser dada aos principiantes através de problemas interessantes e práticos.

A aritmética constitue na escola um dos melhores jogos intelectuais para os alunos que, em geral, experimentam real satisfação nesses trabalhos que lhes oferecem dados definidos e meios de chegar a resultados certos.

Para não sufocar êsse interêsse natural deve a professora ter o maior cuidado e habilidade na escolha, organização e apresentação dos fatos aritméticos, evitando dificuldades injustificáveis e esforços inúteis.

A linguagem aritmética deve ser simples e clara para não entravar o desenvolvimento do raciocínio. Todos os exercícios, problemas e jogos devem ter objetivos definidos, tirados, tanto quanto possível, de uma situação real e estar de acôrdo com os interêsses e experiências infantís. Problemas vitais, bem motivados, que a criança sinta prazer em resolver, fazem da aritmética a disciplina preferida na escola.

Desconfie de seus processos a professora que percebe em seus alunos oborrecimento ou aversão pela aritmética...

LABORATO'RIO VE'RITAS

QUÍMICA E MICROSCOPIA CLINICA

Drs. Almeida Cunha — E. de Souza e Silva — Juvenal de Melo Senra.
Professores da Universidade de Minas Gerais

Rua Rio de Janeiro, 634 e 646 — Junto á Praça 7

Tel. 2-3333 — Caixa Postal, — 199

BELO HORIZONTE

Concede abatimento especial ás associadas da Ass. dos Prof. Primários de Minas Gerais

Considerações sobre o livro "Cirandinha" e sugestões para o seu uso nas escolas

Alaide Lisbôa de OLIVEIRA

CONSIDERAÇÕES GERAIS

O nosso livrinho: "Cirandinha" é indicado como leitura intermediária. Será usado no 2.º semestre do 1.º ano, logo depois da cartilha ou do pré-livro. Procurámos fazer as lições bem fáceis, bem accessíveis, todas dentro do assunto de interêsse infantil. Experimentámos os originais em classes de escola primária e também particularmente com crianças menores. Apesar das histórias não estarem ainda ilustradas, serem ainda datilografadas, o resultado da apreciação das crianças nos stisfez plenamente. O nosso trabalhinho foi julgado também anteriormente por professoras técnicas, especializadas em Língua Pátria, cujas sugestões acatamos com satisfação. Aguardaremos agora o julgamento das Exmas. professoras às quais fazemos aquí algumas considerações sôbre o nosso livrinho.

O livro vem dividido em diversas partes, grupadas mais ou menos por assuntos.

Procurámos fazer uma gradação de acôrdo com as dificuldades apresentadas. A gradação se faz mais de capítulo para capítulo, do que de lição para lição. Assim é que as primeiras lições são curtas e ainda preponderа nelas o critério de repetição, não só de palavras, mas de porções de sentido e de frases. Vocabulário simplíssimo e ainda organização de sentenças que facilitem a antecipação de idéias. Em todo o livro usamos frases de ordem sempre direta. Sujeito claro. Objeto claro. Evitamos emprêgo de lhe, o, e de pronomes demonstrativos.

Nas histórias divididas em 2 pequeninos capítulos a primeira parte é sempre mais fácil. Procurámos despertar o interêsse da criança pela segunda parte, oferecendo-lhe, num material de leitura singelo na primeira, a promessa de um acontecimento curioso na segunda. A curiosidade de conhecer o fim da história facilitará a leitura. A professora poderá também estimular essa curiosidade, formulando mesmo algumas hipóteses, ou pedindo às crianças que as formulem: "Que terá acontecido ao coelhinho branco?" etc.

Quando se apresentar o momento de introduzir o livro na classe, para um grupo de crianças, convém que antes de qualquer leitura se deixe a criança familiarizar-se com o livrinho. Veja ela as gravuras, leia os tíulos das histórias, veja o índice, etc.. A professora fará a leitura do prefácio. Se, pelo título ou pela ilustração houver maior interêsse por uma lição, embora do fim do livro, poderá ela ser introduzida antes das primeiras, em leitura silenciosa. As lições sã otodas muito fáceis. Apenas 4 delas têem a construção um pouquinho mais corrente, sem muitas repetições e com as sequências mais rápidas de fatos, são: "Os pombinhos", "Alcides e Alceu", "A flauta encantada" e os "Anõesinhos" as duas últimas motivadas no fólclore. Se a escolha da criança recair sôbre uma dessas historinhas, a profesora poderá lê-la e sugerir o preparo de outra mais simples. O preparo da leitura se fará: algumas vezes na escola, outras em casa..

Parte física do livrinho

Em relação à parte física do livro procurámos atender, na medida do possível, às sugestões dos mestres da moderna pedagogia. Assim é que escolhemos tipo de letra claro, nítido, simples, bom tamanho, papel ligeiramente creme, fôsco, não transparente. A apresentação gráfica do livrinho é bôa, com margem regular, etc.. Nas primeiras lições evitamos os cortes de palavras. A disposição das gravuras é

bastante criteriosa: nenhuma ilustração interrompe frases ou encurta linhas.

Procurámos dar ao livrinho um aspécto de livro de literatura infantil. As nossas gravuras são feitas por ilustrador competente, de muita sensibilidade artistica, e só podem concorrer para o desenvolvimento do gôsto da criança.

Possibilidade de dramatização

Iniciando o livro teremos, em vez de histórias em que há a ação preparatória, o enrêdo e o desfêcho, pequeninas cênas bem movimentadas, bem rápidas. Com ellas se poderá fazer, depois de uma primeira leitura silenciosa oral em conjunto, dialogada, onde o narrador tenha também o seu pequenino papel. Até a 16.ª lição "De volta para casa", todas as pequeninas cênas são dramatizáveis; a professora poderá escolher as que preferir. A 11.ª "Que macaco levado" ficaria um pouco espetacular e teria de sofrer modificações para ser dramatizada. As outras lições, não; são muito singelas.

Algumas lições, como: "A festa das bonecas", sugerem bailados. Outras, como: "O gatinho corre atrás do ratinho", dão interpretação em cêna muda. (pantomima).

A lição " A festa das bonecas" pode também adaptar-se ao guinhol.

O livrinho e a hora de histórias

A parte do livro: "Histórias e mais histórias" é bem variada e oferece um bom material a ser aproveitado na hora de histórias — principalmente lições que ainda não foram dadas como leitura em classe. A própria criança poderá escolher a história: pelo título, ou pela ilustração. Ela se preparará em casa. Na reunião lerá um pedaço e contará o resto. Ou contará toda, ou lerá toda, conforme o tamanho da história e o interêsse da própria criança ou dos coleguinhas.

—As crianças poderão fazer, em casa, desenhos que trarão para ilustrar a história.

O livrinho, desenhos, gravuras

As ilustrações do nosso livrinho são bem objetivas, bem claras e traduzem sempre um sentido mais forte da história.

A professora poderá mandar a criança interpretar a gravura antes de ler a história. Poderá encaminhá-la para o enrêdo com perguntas e em seguida mandará as crianças lerem a história, silenciosamente primeiro, depois oralmente, e acentuar as coincidências. Também a professora poderá ler uma história e mandar as crianças interpretarem em desenhos. Das gravuras do livro virão outras, que podem ser relacionadas com a história: ou porque trazem um macaco, ou um coelhinho, um gato ou homem, etc.

As crianças podem escrever frases interpretando as gravuras ou os desenhos.

O livrinho e trabalhos manuais

As crianças poderão fazer recortes de bonequinhas, colorindo-os, recortes de bichos: coelho, pintinho, galinha, etc.

Poderão fazer em argila: o bolo de aniversário, as velhinhas, etc.

O livrinho e a composição

O livro de leitura pode andar muitas vezes em relação com as composições.

Enquanto as crianças ainda fazem leitura dos trechos mais fáceis os menos fáceis poderão ser lidos pela professora para enriquecimento de motivos para composições. Alguns pequeninos trechos mais bonitinhos poderão ser reproduzidos, ou mesmo copiados pelas crianças, uma vez que estejam em relação com o assunto dado para a composição.

Para as correções, o livro adotado oferece bôas oportunidades de exemplificação da maneira clara de exprimir-se uma idéia e da forma correta.

As ilustrações do livro também oferecem ótimas oportunidades para composições (já comentámos anteriormente).

A autora do livro teria muito prazer em receber cartinhas das crianças com objeções ou comentários sôbre as histórias. Essas cartas podem ser coletivas ou individuais.

Com fichas de palavras ou de sentenças, a criança poderá reorganizar trechos de histórias do livro.

Ainda a professora poderá resumir uma história do livrinho, tomando só os fatos essenciais e fazer fichas para que a criança reorganize a história já

lida no livro. Êste exercício poderá ser feito de cor ou com uma consulta da historinha. As histórias que mais se prestam a êsse exercício são " Olhem os pintinhos", "Ainda no circo", "Que macaco levado", " O gatinho corre atrás do ratinho", "O gatinho está com fome" e, mais para o fim do ano, tôda e qualquer lição do capítulo: Histórias e mais histórias.

Outros exercícios: Mandar procurar no livro ,e escrever alguma aventura de Pedrinho. No comêço mandar fazer frases, servindo-se dos bichinhos citados: O gatinho ficou com fome. As pombinhas estavam tristinhas. O macaco é levado! ou as Bonecas: A boneca japoneza é amarelinha, etc., etc..

O livrinho e a ortografia

Na artografia temos que considerar percepção visual e auditiva da criança.

O vocabulário do nosso livrinho é muito simples e oferece bôas oportunidades para exercício de ortografia — quer com palavras isoladas, visando-se determinados grupos, quer em pequeninos trechos ditados ou copiados e cuja correção poderá ser verificada pelos próprios alunos (O ditado deve ser sempre preparado).

Os exercícios de memorização de pequeninos trechos ou de pequeninas poesias, com a preocupação de bôa dição, são ótimos auxiliares dos exercícios de ortografia.

Os poemas do nosso livrinho todos podem ser decorados e recitados. Na parte em prosa a professora poderá dar: "Noite de Natal", pequeninos trechos de cada vez. "As bonequinhas baianas", a segunda parte da "A boneca japoneza". Trechozinho de "Já está ficando tarde". Sempre se exija pronúncia clara, palavras bem articuladas.

O livrinho e a escrita

As aportunidades são as de cópia. Quer de sentenças, quer de trechos, quer de histórias completas, quer de poesias. Os outros exercícios de escrita nem sempre se relacionam com o livro adotado.

A professora poderá fazer perguntas para as crianças procurarem resposta certa no trecho e escreverem. ex.: Porque o gatinho estava com fome? Porque o pintinho amarelo saiu do galinheiro? Como é a roupa da bonequinha Holandeza? De que côr são os olhos do coelho de Toninha? etc., etc.

Jornal

A lição: "Alcides e Alceu" começa assim "Toninha lê uma história no jornalzinho da escola". Servirá de sugestão para comentários sôbre o jornalzinho escolar e oferecerá oportunidade para que seja ampliado o jornal do quadro negro, iniciado no 1.° semestre.

Aniversários

A lição: "O aniversário de Toninha pode despertar o interêsse pelas comemorações dos aniversários em classe. As crianças fariam então uma lista dos aniversários dos colegas e andariam em dia com a folhinha que seria organizada por elas em colaboração com a professora.

As comemorações de aniversários oferecem ocasião para que as crianças façam pequeninos programas e escrevam cartas de convite, ou à diretora ou a colegas de outra classe, etc..

Poesias

Reunimos no nosso livrinho 4 poesias bem simples, de sentido e forma bem accessíveis, muito dentro do interêsse infantil.

Branca de Neve é de uma singeleza encantadora. Se a professora contar antes à criança a história da Branca de Neve, o poemazinho se integrará melhor no seu espírito, e a história terá, depois de conhecida a poesia, um novo aspécto de beleza.

"Os pintinhos" poemazinho de tanta graç e simplicidade pode ser dado depois da lição: "Olhem os pintinhos"; a associação de motivos predispõe a melhor apreciação da poesia: "Canta canta passarinho" são versos de muita música e muito gôsto de crianças.

E' preciso ensinar antes a expressão: "Vela por ti". Se os alunos se interessarem a professora poderá dar-

lhes a música do poema. A música vem no livro de Murilo Araujo: "Estrêla Azul".

A quadra de Djalma Andrade: "A Bandeira", tem, além do motivo poético, o motivo patriótico e agrada muito às crianças.

Nenhuma das poesias deve ser lida pelas crianças sem uma leitura prévia da professora, sem uma preparação do espírito das crianças, sem uma transmissão do sentimento poético e predisposição que possa garantir e que possa levar de fato a criança à atmosfera emocional.

Na leitura da poesia a criança unirá idéia a cada expresão e nem sempre a cada palavra.

Partindo dêsses poemazinhos do nosso livro a professora irá desenvolvendo nas crianças o gôsto pela poesia e irá introduzindo poesias novas. Temos alguma dificuldade em encontrar poesias bonitas, accessíveis às crianças do primeiro ano, entretanto, no livro de Bilac, de Francisca Júlia e Júlio César da Silva, de Murilo de Araujo e no livro: "A poesia do Curso primário" das professoras Zilá Frota, Marieta Leite e nosso, acharemos um material bastante apreciável.

As poesias do livrinho "Cirandinha" prestam-se não sómente à leitura, mas podem ser decoradas e recitadas.

As memorizações tanto de trechozinhos em prosa como em versos são um bom exercício não só de educação de sentimento, como também enriquecem, de maneira agradável, o vacabulário dos pequeninos.

Muitas das atividades que foram comentados podem constituir números interessantes nos auditórios.

Objetivos

Nessas páginas só tratamos das atividades relacionadas com o livro adotado. Convem lembrar que há ainda uma série de outras atividades independentes relacionadas com matérias do ano, etc..

Todas as atividades discutidas visam um maior rendimento no ensino da leitura e contribuem para a formação dos bons hábitos de leitura, de atitudes, habilidades e ideais que devem ser desenvolvidos no correr do 1.º ano.

Como sejam:

Saber segurar bem o livro, virar páginas, etc..

Consultar o índice.

Ler o prefácio.

Melhorar a apreciação.

tiva.

Aumentar a extensão de recognição.

Bom rítmo no movimento dos olhos.

Ler mais rapidamente.

Fazer leitura silenciosa sem movimento dos lábios.

Poder antecipar idéias.

Ler oralmente por porções de sentido, sem pausa em cada palavra.

Ter naturalidade nos diálogos.

Ter bôa expresão.

Ter bôa dicção.

Ser bem sucedido no encontro de palavras novas.

Ter bôa interpretação.

Ter gôsto pela leitura.

Melh orar a apreciação.

Desejo constante de melhorar a leitura e adquirir novas experiências em págins escritas.

(continúa no próximo número)

De Gustavo Capanema:

A educação não pode limitar-se, de um modo cético ou indeciso, simplesmente a preparar o homem para a ação, porque êste homem vai agir num mundo de mudança, de contradição e de tragédia em que está em risco não sómente a sua pessoa, mas todos os bens materiais e espirituais da coletividade a que êle pertence.

A educação não pode ser neutra no mundo moderno.

Princesa Isabel

inédito

Vinícius ME'IER

Navios negreiros, perdidos nos mares,
volvei sôbre as ondas, navios, voltai!
Senzalas gementes, heróico Palmares,
um hino de graças, de hosanas, entoai!

Cadeias, pesadas, de ferro fundido,
rolai pelo chão, já inúteis agora !
Soluço profundo, pungente gemido,
mudai-vos, num instante, em risos de aurora!

A mão da Princesa, com grande emoção,
traçou num decreto o seu fúlgido nome;
e a raça de escravos, pela sua mão,
livrou-se do opróbio, da dôr e da fome.

Princesa, teu nome no Tempo caminha;
cumpriste, na História, um grande papel:
se os brancos te chamam Princesa ou Rainha,
os pretos te chamam de Santa Isabel!

PAISAGEM

inédito

Vinícius ME'IER

Uma estrada poirenta
um verde campo atravessa.
Há um coqueiro bonito
bem onde a estrada começa.

Aquí e alí uma árvore
dum verde escuro sem par.
Um bando de passarinhos
pelo céu passa a voar.

Existe mais uma cêrca
e, na cêrca, uma porteira.
Eis aí uma paisagem
muito nossa, brasileira.

Só faltam para torná-la
a mais bonitta do mundo,
uma serra bem azul
e um sol redondo no fundo!

Nossas Experiências

(Colaboração do G. Escolar Flávio dos Santos)

SUMÁRIO:

Material Escolar
Atividade de uma classe de 4°. ano.
Biblioteca de numa classe de novatos.
Material de leitura.

Material escolar

Maria Luiza INECO

A variedade e abundância do material suplementar, é sem dúvida um dos melhores meios para despertar na criança o gôsto pela leitura.

Escôlho por isso cuidadosamente o material de leitura para minhas crianças.

Tenho uma classe de 1.° ano HR. Trata-se de crianças difíceis na disciplina e de capacidade mental pouco desenvolvida.

Apesar dêsses dois importantes fatores, tenho conseguido bastante na minha classe, graças ao método global que venho empregando com muito êxito e ao material suplementar que arranjo para as aulas de leitura. Vejamos êsse material:

Comecei fazendo os cartazes do pré-livro "Bonequinho Doce" e em seguida fiz todo o material de decomposição.

Terminado o pré-livro, introduzí num grupo que aproveitou mais, o livro "Leituras escolares" e dei aos outros "Cartilha Analítica".

Temos na classe a bibliotéca que dispõe de 20 livros. Êsse material auxilia muito. As crianças retiram o livro, levam-no para casa e preparam uma lição.

Levo sempre um cartaz contendo alguma historieta.

Além disso, tenho na classe um quadro, onde colecionei desenhos e gravuras com pequenas histórias.

Êsse quadro contem tambem o mapa de Minas, com o nome do nosso Presidente Dr. Benedito Valadares Ribeiro e o de nossa diretora. D. Letícia Chaves Campos.

Na organização da loja escolar, não visei sómente a parte de aritmética e tambem de leitura. Tudo que temos na loja, está escrito em fichas de tamanho regular, de modo que as crianças têem como variar a leitura.

Estabeleço jogos com o vocabulário do quadro de gravuras, do qual tenho toda decomposição em fichas de cartolina.

Sirvo-me muitas vezes da época do ano, de maneira de estímulo, para fazer um cartaz e apresentá-lo às crianças.

Fiz para cada criança um cofre que denominei "cofre do saber". A' medida que aprendiam uma cousa, iam logo depositá-la no cofre. A introdução dêsse material deu origem ao seguinte cartaz de leitura e ainda fichas que preguei à frente dos cofres.

Um cantinho da sala foi ilustrado e denominado "cantinho das novidades".

Aí é a fonte das variedades. De vez em quando levo um cartaz novo e deixo as crianças procurá-lo.

Vejamos como vario êsse material:

Anúncio um brinquedo para hora do recreio, assim:

Os objetos da loja, nota bôa de um aluno, as estações do ano, os dias de festa, regras de polidez, por exemplo:

Aproveito ainda para o "cantinho das novidades", as regras de conveniência na escola, histórias que vou contar, uma dramatização que faremos, personagens necessárias, etc..

Da variedade do material, depende grandemente o nosso resultado.

Enriqueçamos de material o ambiente de nossas classes para que as crianpossam desenvolver o espírito de observação e coloquemos Jesus à nossa frente, que sem dúvida sairemos vitoriosas.

Atividade de uma classe de 4.º ano

Leciono para uma classe de 4.º ano, tipo BCn, composta de 41 alunos matriculados, sendo 36 o número de frequentes. A idade das crianças varia de 11 a 15 anos. Como surgiu em nossa classe a idéia de fazermos um Recenseamento: — Havendo no fim do primeiro semestre começado a estudar "Produções do Brasil", no mês de Julho, passámos ao estudo das "fontes de reserva" do nosso país, e das possibilidades econômicas dos brasileiros. Neste estudo, houve margem para que as crianças procurassem saber o problema da emigração estrangeira e o papel que representam no Brasil as colônias estrangeiras, principalmente, a italiana a japonesa e a alemã. Quiseram saber qual a população exata do Brasil. . .

Compreendendo o que representa para o país esta obra dos Censos, que é uma obra de construção, pois irá crear uma nova **conciência nacional,** e compreendendo que muito depende do **professor** o êxito dessa campanha censitária (uma vez que da escola se irradiará aos lares o amor à causa dos Censos), resolvi aproveitar êsse interêsse dos meninos, no sentido de lhes falar algo sôbre o "Recenseamento". Disse-lhes que, justamente agora, o Govêrno Nacional, qual um bom chefe de família ou um prudente comerciante, vai proceder a um "balanço", para ver quais são as verdadeiras fôrças agrícolas, comerciais, industriais, etc. de que dispõe o Brasil, no momento presente, e para garantia do seu futuro. Em linguagem accessível, procurei fazer com que as crianças compreendessem o que é êsse **serviço censitário,** a sua utilidade, e o dever que todos os brasileiros têem de cooperar para o êxito dêsses trabalhos. Surgiram perguntas. Cada menino desejava saber como **se faz êsse Recenseamento.** Dando-lhes as explicações pedidas, sugeri a idéia de fazermos alguns dêsses trabalhos, em classe. . . Objetivos: — Sugerindo essa idéia, tive como objetivo desenvolver o sentimento cívico das crianças, fazendo-as compreender o alcance dessa obra de patriotismo, que é o recenseamento, o qual não prejudica a ninguem, mas beneficia a todos, uma vez que beneficia o Brasil. Meu segundo objetivo era ainda o ensino da Língua Pátria, e o desenvolvimento do sentimento social, de vez que, no decorrer dos nossos trabalhos, os meninos teriam oportunidade de fazerem leituras, escritas, investigações e entrarem em contacto com diversas outras pessôas. Ficou combinado que um aluno nos traria do "Departamento de Estatística do Estado" os prospectos modelos para o Recenseamento. No dia seguinte, uma aluna m'os entregou, e, escolhendo o "Boletim Individual", por ser mais accessível à inteligência infantil, e me baseando no mesmo, organizei uma série de quesitos que pudessem ser preenchidos pelos alunos. Assim é que cada aluno preencheu o seguinte "Boletim":

—República dos Estados Unidos do Brasil Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica

Serviço Nacional de Recenseamento

Censo Demográfico

Recenseamento Geral de 1.º de Setembro de 1940.

Boletim Individual

Estado Município
Distrito Zona
Localidade
Bairro Situação
Logradouro Prédio

Quesitos

1.º — Nome e sobrenome
2.º — Sexo
3.º — Data do nascimento
4.º — Qual a condição do recenseado no domicílio?
5.º — Côr
6.º — E' surdo? E' cego? De nascença? Por doença? Por acidente?
7.º — Se o recenseado nasceu no Brasil declarar o estado; se no estrangeiro, declarar o país
9.º — Se a mãe do recenseado nasceu no Brasil, declarar o es-

tado; se no estrangeiro, declarar o país

10.º — Fala corretamente o português?

11.º — Que língua fala habitualmente no lar?

12.º — Religião

13.º — Sabe ler e escrever?

14.º — Está recebendo instrução?

15.º — De que gráu ou espécie de instrução recebe?

16.º — Onde recebe instrução?

17.º — Recebe benefício de previdência social?

Na confecção dêsse trabalho, aproveitei ainda o ensejo para conversar com os meninos sôbre as "Armas da República". Entretanto, quisemos interessar as outras classes de 4.º e 3.º ano nêste trabalho. Para isto, o Clube de Leitura "Olavo Bilac" organizou um concurso, tendo a secretária do Clube escrito o seguinte aviso, que foi afixado no quadro de Avisos do Grupo afim de que pudessem ser lido por todos os interessados:

"Atenção! Alunos do 3.º e 4.º anos! Está se fazendo no Brasil todo o Recenseamento. vocês sabem o que é o Recenseamento? E' uma grande obra de patriotismo. Por isto, todos os brasileiros devem cooperar para êste Recenseamento. Nós tambem estamos nestes trabalhos, porque queremos ser bons brasileiros. O Clube de Leitura "Olavo Bilac" abre um concurso para vocês. Ninguem deixe de tomar parte. O concurso será assim: Aquele menino que apresentar o melhor Recenseamento ganhará um lindo prêmio. Todas as provas deverão ser entregues atá o dia 30 de julho!

Diversas "propagandas" foram feitas, afim de despertar o entusiasmo nas outras classes... No primeiro número do jornalzinho da classe: "A Colmeia" saiu o seguinte artigo, da aluna Rute Barbosa:

"Nosso Concurso"

Você já sabe do nosso concurso? Ainda não?... Pois nós tambem somos brasileiros e queremos trabalhar para o nosso querido Brasil. O Clube de Leitura "Olavo Bilac" abre um concurso para você.. O menino que fizer o melhor Recenseamento, ganhará um lindo prêmio. Você não quer ganhar o prêmio? Então mande o seu Recenseamento. O Recenseamento deve ser entregue até o dia 30 de julho. Vamos trabalhar juntos para ajudarmos o nosso querido Brasil".

Das composições feitas pelos meninos, aproveitamos diversas sentenças para cartazes, que os meninos colocaram no pátio de recreios. Eis algumas dessas sentenças: "Todo bom brasileiro deve ajudar o Recenseamento, para melhoramento do nosso País." "O Recenseamento é uma grande obra de patriotismo". "Meus caros colegas, meninos e meninas, sejam bons brasileiros, trabalhando para o Recenseamento." "O Recenseamento procura saber a população, a indústria e o comércio do Brasil."

Resultados: — Em minha classe, as crianças traziam-me "recortes" de jornais sôbre o Recenseamento. Mostravam grande interêsse em colocar os "cartazes" no pátio do recreio e em retirá-los, no fim das aulas. Vários alunos das outras classes do 3.º ano procuravam-me, afim de solicitar explicações sôbre as bases do "Concurso".

Muitos pediam **modelos de Recenseamento**... Finalmente, recebemos os trabalhos das classes de 3.º ano, regidas pelas professoras D. Maria Felícia Teixeira Vieira e D. Maria José Brant. Êstes trabalhos foram examinados meticulosamente pela minha classe, tendo eu aproveitado a oportunidade para despertar o censo crítico dos alunos. Depois de muita discussão, chegaram as crianças a um acôrdo, colocando em primeiro lugar os trabalhos apresentados pelos alunos Wilson Marques Carneiro e Maria da Conceição Morais, da classe de D. Maria José Brant. Levantou-se nova celeuma, visto ser preciso escolher **o melhor entre todos**... Alguns meninos se entusiasmaram pelo trabalho de Wilson, porquanto, além de fazer um apanhado geral sôbre a **história do Recenseamento,** trazia um bonito desenho... Ooutros achavam o trabalho de Maria da Conceição, de vez que, além de trazer uma pequena nota sôbre o que seja o **Recenseamento,** e um quadro estatístico sôbre o resultado dos diversos Recenseamentos de população feitos no Brasil, desde 1808,

apresentava-se com os quesitos preenchidos de um modo mais completo. Entrámos em novo debate. Cada trabalho foi examinado, separadamente, pela classe. Enfim, procedendo-se a uma votação apuramos o seguinte resultado: Maria da Conceição: — 20 pontos. (Foi esta aluna a que melhor preencheu o questionário; no seu trabalho havia a seguinte introdução: "A notícia do Recenseamento despertou em nós um vivo entusiasmo. Quem não deseja saber quanto somos? O que temos de bom? O que nos falta? Pois bem, cumprimos com muito prazer o que exige de nós o Brasil. A população do Brasil tem aumentado assombrosamente! Pela estatística abaixo podemos fazer uma idéia: População do Brasil — 1808 — 1920.

Em 1808 — 4.000.000. Em 1854 — 7.677.800. Em 1872 — 10.112.061 Em 1890 — 14.333.915. Em 1900 — 17.318.556. Em 1920 — 30.635.605.

Wilson Carneiro — 14 votos. Alcançaram ainda Menção Honrosa: Maria de Lourdes Almeida e Geralda Magela ,da classe de D. Maria Felícia T. Vieira. Fez jús, portanto, ao prêmio, instituido pelo Clube de Leitura "Olavo Bilac", e que nos foi gentilmente oferecido por nosso diretora, a aluna Maria da Conceição Morais. Para a entrega dêsse prêmio, está em período de preparação uma sessão litero-festiva do Clube "Olavo Bilac". E terminando êste relatório posso afirmar, com otimismo, ter alcançado os meus objetivos, de vez que conseguí interessar minha classe nesta grande obra de patriotismo que é o **serviço censitário,** obra para cuja realização ora se empenha o Govêrno Nacional, coadjuvado por todos os bons brasileiros.

Bibliotéca numa classe de novatos

Zenolia Alves CRUZ

As crianças haviam conseguido vencer a etapa do pré-livro e queriam lêr tudo que lhes chegasse às mãos.

Havia na sala dois ou três livros e era vivo o interêsse por êles. Mal terminavam um trabalho corriam pressurosos em busca dos referidos livros.

D. Letícia percebendo isto resolveu oferecer-lhes mais alguns exemplares, os quais foram saudados por uma salva de palmas.

Dado o sinal para o recreio, as crianças não se moviam, queriam ficar lendo.

Disse-lhes então que poderiam levá-los para casa.

Mas, como controlar a retirada e entrega dos livros? Surgiram várias opiniões e entre elas a aceita foi a seguinte: Colocar nos livros um papelzinho como aquele que assinava sempre quem retirava livros da bibliotéca geral. Surgiu logo um menino com um bloco de propaganda de uma casa comercial e confecionou as referidas fichas. Teem elas sómente o nome do livro e pessôa que o retira deixa alí o seu nome. Na hora da entrega o bibilotecário risca a assinatura do portador do livro.

Surge agora o problema da colocação dos livros. Sôbre a mesinha era impossível colocá-lo dado o grande número de volumes.

Pedi às crianças que no dia imediato pensassem como resolver êste problema.

Grande foi a alegria de todos quando surge um menino com uma estante pequenina, tosca e que apesar de tudo isto resolveu o nosso problema.

O bibliotecário colocou os livros na estante, encapou-os.

Iniciaram as crianças a ornamentação da bibliotéca; num cantinho da sala colocaram a estante, cadeirinhas, uma mesinha com flôres.

Diariamente as crianças escolhem o livro que desejam levar para casa. No dia imediato fazem a leitura do trecho mais agradável, comentam com os colegas a leitura feita e na hora de história relatam aquelas que leram nos livros.

Várias crianças ofereceram livros à bibliotéca, recortam histórias de jor-

nal e com elas vão fazer um pequenino album.

A bibliotéca consta atualmente de quarenta e dois volumes, alguns usados, outros novos, livros de história, de leitura, almanaques, etc..

Graças à bibliotéca as crianças progrediram extraordinariamente em linguagem, leitura oral e principalmente quanto à leitura interpretativa.

Atualmente, as crianças iniciaram uma caderneta com o título: "Livros que já lí "e nela registram todos os volumes consultados.

AINDA AS COMPOSIÇÕES

Maria José BRANT

Ao iniciar o segundo semestre cuidei, com maior interêsse, de ensinar as crianças escreverem cartas, aproveitando a oportunidade do estudo dos verbos e pronomes.

Exercícios variados para conseguir o fim desejado foram dados à classe: ora assunto determinado por mim, ora à vontade dos alunos.

Outras vezes, para maior eficiência, eu mesma formulava as cartas para os alunos mudarem o tratamento.

Resolvi, então, dar a carta que abaixo transcrevo, para o fim acima aludido:

Querida Irene,
O meu abraço afetuoso

Sei que você está muito adiantada em redação e que é mesmo uma das primeiras alunas da classe. Não deve extranhar, portanto, o pedido que lhe vou fazer:

"Meu irmão e alguns dos seus colegas fundaram, há dias, um jornal e eu desejava que você colaborasse nele e prometí-lhes uma coluna de seu trabalho, para o próximo número."

Você poderá me atender?

Esperando a sua resposta, aqui fica a amiga sincera.

Laura

Automaticamente a primeira carta provocou a segunda, que tambem foi formulada por mim:

Prezada Laura,
Muitas saudades

Com grande alegria recebí a sua cartinha.

Fiquei um pouco embaraçada com o pedido que você me fez, porque, bôa Laura, não sou tão adiantada como você pensa! Entretanto, farei o possível para fazer um trabalho que possa lhe satisfazer e aos redatores do jornal.

Pensei em escolher o seguinte têma: "As travessuras de Lulú". Que tal?

Ora, deixe-me dizer-lhe que a Lulú é uma boneca.

Logo que a minha pequena história esteja pronta lhe enviarei.

Agradecendo o conceito que de mim faz, sou a sempre amiga.

Irene

A Zilda Teixeira disse-me:

— Deixe-nos fazer a composição?

Aplaudida a sua idéia por mim e pelos colegas, a composição foi feita, como exercício de Língua Pátria, na aula seguinte.

Portanto, o assunto da última carta originou um novo trabalho, a composição em tôrno do têma: "As travessuras da Lulú."

Quase odos os alunos apresentaram bôas composições, entre as quais destaco a da Adriano Pena e a de Maria Martins Nogueira.

Achei muito interessante a composição do Adriano, pois êle aproveitou do que foi aprendido no primeiro ano novato.

As travessuras da Lulú

Adriano PENA

Ela se chama Lulú e mora numa linda caixinha na prateleira de um bazar.

Durante o dia Lulú fica na vitrine olhando quem passa. São nesses momentos que ela mais se diverte porque tudo está claro e brilhante.

A' noite, tudo fica escuro e quiéto... Ela, então, tem muito mêdo: o soldadinho que de dia é tão seu amigo, à noite lhe faz um mêdo horrivel! Mas, mesmo assim, ela sai da caixinha e vai puxar a trança do chinesinho e por rabinho de papel na bonequinha loura que é muito antipática.

Quando chega o empregado, ela sai correndo... correndo... entra depressa na caixinha, fecha os olhinhos e finge que está dormindo.

As travessuras da Lulú

Maria Martins Nogueira

Era uma vez uma menina que morava perto de um lindo campo. Chamava-se Inês. Quando Inês completou cinco anos, seu pai presenteou-lhe com uma linda boneca de cabelos louros... louros... Ao ser batisada chamou-se Lulú.

Lulú era muito travessa. Um domingo Inês levou-a consigo a um passeio no campo. Inês deixando-a sentadinha na grama, foi colher flôres para a sua mãezinha que ficára em casa preparando o almoço. Enquanto isto, Lulú foi fugindo devagarinho... devagarinho...

Inês ficou assustada quando chegou e não viu a sua bonequinha no lugar em que havia deixado.

Saindo à sua procura, foi encontrála toda sorridente, à beira do riacho, lançando à água pequenos navios que ela mesma havia feito.

Inês vendo a sua boneca tão entretida nesse brinquedo, deixou-a outra vez e foi em busca de outras flôres, para ornamentar o seu lindo "bouquet".

Mas, que tristeza! Quando Inês voltou não encontrou mais a sua bonequinha, apesar de procurá-la em toda parte!...

Talvez Lulú hovesse caído dentro do riozinho e se afogado.

Quem sabe?...

"Material de leitura"

Diva Celso de ABREU

Tenho uma classe de novatos, tipo BC. Aplico o método global e tenho alcançado bastante êxito. O meu maior auxiliar tem sido o material suplementar, que muito concorreu para o aumento do vocabulário. Há na classe uma gravura: "Tinta fresca" e encerra o seguinte: Um banco pintado, com os dizeres: "Tinta fresca". Duas crianças ao voltar do Grupo, assentam-se nele sujando toda a roupa. Contei aos alunos que isso acontecera porque êles não sabiam ler o que estava escrito perto do banco. O quadro foi colocado na parede. As crianças procuram sempre ler bem. Não querem que lhes que não sabiam ler. Admiram tamaconteça o que sedeu com as garotas bem muito o material "Trânsito impedido" , que consta do seguinte: Uma gravura, com um automovel e uma taboleta de "Trânsito impedido". Como o chaufeur não soube ler o carro cai no abismo. As crianças vivem perfeitamente a cêna e apenas um colega erra, gritam logo:

— "Caiu o carro no buraco!"

Como o trabalho interessa muito às crianças, organizei um jôgo de vispora. As pedrinhas são cartões com palavras do pré-livro. Logo que se anuncia alguma, tiram a ficha correspondente com um interêsse extraordinário e brincando, fixam perfeitamente as palavras. A bibliotéca é tambem um excelente auxiliar e desde a sua fundação, as crianças tem progredido bastante. Leem e interpretam perfeitamente pequenas historietas, poesias e levam diariamente livros para casa. Outro material que muito agrada às crinças é o "Caderno de palavras que eu já sei ler". As crianças recortam palavras do jornal e trazem ;estas são colocadas em um caderno de desenho. Cada aluno quer terminar o seu, o mais depressa possível. Isto tem concorrido muito para o desenvolvimento geral. Ainda ontem uma aluna, Zuleica, foi ao gabinete e voltou radiante dizendo que lera até notícias da guerra. Alguns momentos depois, D. Letícia contava-me que de fato ela lêra o cabeçalho do jornal com as notícias. As crianças estão lendo perfeitamente livros, revistas e jornais dentro de sua experiência graças à grande cópia de material suplementar, sempre variado e ao alcance dos alunos.

História à vista da gravura: "Tinta fresca"

Era uma vez duas meninas. Uma menina chamava-se Lúcia e outra Mariazinha. Elas não sabiam ler, porque eram vadias. Tinha um banco pintado. As meninas sentaram-se no banco. Elas ficaram com a roupinha suja de tinta. Agora elas vão aprender a ler.

Nelson Barbosa, 1.º ano novato.
Classe de D. Diva Celso de Abreu

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

Mais uma cantina escolar

Tão benéficos são os resultados da instituição das cantinas escolares, que hoje não mais se discutem a oportunidade e a necessidade de sua difusão em todas as unidades do ensino primário.

À luz de preceitos, os mais lúcidos, essa prática se vai alargando avassaladoramente como processo que completa na escola, pela sua eficiência e pelo seu valimento, a verdadeira finalidade que essa mesma escola é chamada a realizar. Não só pelo seu aspecto huamno, no que ela significa de solidariedade e assistência, como pelo que ela representa no aproveitamento evidente de quantas pequenas vidas se estiolam na extensão de uma escolaridade que só encontra explicação no sub-alimento ou mesmo na falta de alimento, tal instituição merece o apôio constante e cada vez maior dos poderes públicos e da sociedade mineira.

Acentuando a produtividade da escola com o aumento da frequência e a redução da repetência ao mínimo, certamente se estará fazendo obra da mais segura significação econômica.

E hoje não mais se discute a utilidade da sopa escolar na contribuição decisiva par o aumento da frequência e diminuição da repetência.

Com essa inteligente e louvável compreensão, o govêrno do Estado, reformando a legislação sôbre as Caixas Escolares, procurou dar visível preeminência à alimentação das crianças.

E' um rumo definitivo como conquista na política educacional de nosso Estado, pelo que não podia passar despercebido a "EDUCANDO" a alta valia dêsse ato governamental.

Estas ligeiras considerações nos são sugeridas no registrar a notícia da instalação do serviço da Cantina Escolar "Cristiano Machado", a 19 de setembro corrente, no grupo "José Bonifácio", da Capital, ora sob a direção da assistente Maria Suzel de Padua.

Ao ato , presidido pelo sr. Secretário da Educação, compareceram o diretor de Saúde Público, o chefe do Departamento de Educação, o chefe de Serviço Médico Escolar, diretores de estabelecimentos, professores e grande número de pais de alunos daquela casa de educação.

O senhor Cristiano Machado, acentuando, em discuros, as suas congratulações com a direção e o professorado do grupo, teve ocasião de deter-se na grande expressão que, graças a tal orientação, procura o Estado Novo dar aos problemas educacionais. O desenvolvimento funcional e a multiplicação das cantinas escolares, com o interêsse, a assistência e o apôio da coletividade, haverão de contribuir definitivamente para que o aproveitamento escolar atinja índices impressionantes.

São êsses os nossos votos, com as congratulações de "EDUCANDO" para o senhor Secretário da Educação e a direção do grupo escolar "José Bonifácio".

De Gustavo Capanema:

A educação atuará, não no sentido de preparar o homem para uma ação qualquer na sociedade, mas precisamente no sentido de prepará-lo para uma ação necessária e definida, de modo que êle entre a constituir uma unidade moral política e econômica, que integre e engrandeça a Nação.

Desenvolvimento do Raciocinio

Aurea QUEIROGA

E' frequente, em exercícios de verificação que são dados em classe, notar que as crianças repetem, às vezes inconcientemente ,erradamente outras, o que leram em seus cadernos de anotações ou que ouviram da professora.

Daí o grande número de anedotas que cada uma de nós tem em registros de observações em aula.

E porque todos êstes absurdos?

Os "fracassos" como nós chamamos resultam: a) da falta de experiência do aluno; b) da dificuldade de abstração e evocação, pois ambos exigem alguma cultura, quer para análise de fatos, quer para associação de conhecimentos anteriores; c) da precipitação com que a criança tira conclusões e emite juizo; d) da impossibilidade de justificação de um pensamento de que não tem conciência própria.

— "A criança não aprende a pensar senão pensando; não aprende a resolver problemas senão resolvendo problemas. Para melhorar o pensamento, diz ainda Thorndike, — e em geral a resolução dos problemas, é necessário fazer prática abundante em todas as tarefas, atividades, matérias."

Abusava-se antigamente do raciocínio aritmético, dando-se explicações que o aluno, pela sua pouca experiência, não podia compreender. Os problemas, se não traziam dados fantásticos, apresentavam situações que nenhuma relação tinham com o meio infantil.

Sabe-se que o êxito na solução dos problemas está na razão direta da motivação da terafa escolar.

A criança sente prazer quando nota que o problema proposto está associado à sua vida seja na escola, seja em casa.

Conhecendo os interesses da classe em geral e formulando os problemas de acôrdo com os mesmos, temos em parte resolvida esta questão que tanto nos preocupa.

Vejamos agora alguns casos que ocorrem várias vezes, em nossas classes e procuremos para êles uma explicação satisfatória.

I — Dado à criança um problema, êste é às vezes resolvido com relativa facilidade, mas, quando se lhe pergunta como agiu para ter o resultado, ela se embaraça.

—E porque isto?

—E' a dificuldade de introspecção. A criança prefere então não se dar ao trabalho de um raciocínio mais completo e se satisfaz com qualquer resposta.

II — Nota-se outras vezes que, depois de dado o resultado exato do problema, o aluno nos apresenta uma descrição retrospectiva errada.

III — Outras vezes ainda ela nos diz como agiu, tomando como ponto de partida o resultado final do problema, como se já o conhecesse no enunciado.

IV — E' comum também encontrarem-se incompletas as justificações apresentadas, ou então resposta assim: "Acho que assim está certo."

Investigando as causas destas dificuldades para a introspecção ou mesmo para a retrospecção, chega-se a várias conclusões: a) a criança não sabe bem o que se quer dela; b) ela interrompe a sua justificação porque supõe que, se ela já está satisfeita com a resposta, outras explicações lhe parecem desnecessárias; c) o trabalho não lhe desperta o interesse e pouco lhe importa a solução; d) a retrospecção só é completa quando ela se sente na necessidade de justificar o seu ponto de vista junto de alguem. Só então ela põe todo o seu esforço em provar o que lhe parece certo, porque está verdadeiramente interessada com o assunto.

— "Tudo quanto se ensina à criança só tem valor quando se acham relacionados a um círculo que une a ação à realização de uma necessidade ou à solução de um problema de adaptação." (Claparède)

Procuremos então corrigir ou pelo menos atenuar estas faltas. E' aí que

se fa zsentir o trabalho da professora. Habilmente deve ela orientar, desenvolver o raciocínio infantil, afastando da criança estas dificuldades e despertando nela observações que a levem a conclusões tão exatas quanto se pode exigir nessa idade.

PROBLEMAS SÔBRE AS QUATRO OPERAÇÕES NUMA CLASSE DE 2.º ANO.

Experiência feita em outubro de 1938

Obejtivos — a) interessar a classe nesta parte do programa (problemas) que tem sido o ponto fraco de nossos alunos; b) desenvolver o hábito da leitura silenciosa; c) relacionar a aritmética à geografia; d) cultivar o espírito de justiça e veracidade na correção do próprio trabalho.

Desenvolvimento — Formulei 34 problemas relacionados com o interêsse da criança tendo para isto ilustrado os cartões com gravuras que tanto quanto possivel, tivessem relação com a questão proposta.

Êstes problemas dividí em três séries — 6 mais fáceis, 18 médias e 10 mais difíceis. Os três últimos da terceira série eu separei logo na primeira experiência, porque vi que estavam acima da capacidade das crianças.

Como experimentei êste trabalho — Dei a cada aluno um cartão, mandando que lêsse e procurasse resolver o problema que alí estava. Em fôlhas avulsas êles punham a solução, comparando-a depois com a que estava no verso do cartão recebido.

Terminada a aula todo o material era recolhido para o levantamento de gráficos e registros de observações.

Reações da classe — Esta atividade foi recebida com muito prazer, tendo as crianças pedido a sua repetição diariamente. Disseram que estava muito bonito e que eu devia ter tido muito trabalho com os cartões.

A princípio tomaram mais como um brinquedo, distrairam-se com as gravuras, não tendo sido muito animadoras as primeiras experiências. No fim da semana, o interêsse foi surpreendente; não queriam outra aula para terminarem depressa toda a coleção. Cada criança sabia quantos problemas certos tinha feito e que logar ia ocupar no gráfico.

Vanda, uma pequena muito tímida, mostrou uma coleção de problemas formulados e ilustrados por ela, para brincar "de escola" em casa.

Resultado: Porcentagem da classe 96% .

2.ª experiência — Março de 1940

Os gráficos levantados depois desta 2.ª experiência permitiram-me as seguintes conclusões: estavam vencidas as diversas etapas das quatro operações de números inteiros, consideradas as condições de cada aluno, o raciocínio, tanto quanto possivel, tinha se desenvolvido.

Restava um ponto a vencer — os problemas que exigem mais de três operações não são resovidos pela maioria da classe.

Resultado: Porcentagem da classe 100%.

Material empregado: (descrição de um dos cartões) Uma gravura representando parte de uma fazenda. Vem-se nela dois homens — o fazendeiro e o empregado. Êste parece estar encarregado de fazer otransporte de sacas de café (é suposição minha para interessar as crianças). O problema foi assim formulado: "Quanto café! Minas Gerais produz mesmo muito café! Êste é da zona da mata. Aquí estão 12 sacos que o pai de José Luiz vai vender a 65$000 cada um, a um negociante que está em Ponte Nova.

Que quantia êle vai depositar no Banco da Lavoura ?

SEGUNDA COLEÇÃO DE PROBLEMAS ILUSTRADOS

Conhecidos os resultados obtidos nas duas experiências da 1.ª coleção, organizei a 2.ª com mais cuidado, corrigindo vários defeitos.

Segui a orientação do programa de aritmética, ora em experiência nos Grupos escolares da Capital, tendo dado aos problemas uma seriação mais lógica que os da 1.ª coleção.

Assim: o 1.º cartão apresenta uma rua para as crianças numerarem as casas em algarismos romanos; pelo 2.º cartão se verifica se o aluno tem bem clara a idéia de fração; o 3.º faz uma revisão sôbre o estudo da divisibilidade, através de fósforos de côr que vão ser distribuidos numa fogueira de S. João; o 4.º apresenta multiplicações por 10 e por 100; em três cartões há problemas que exigem operações de números inteiros; os três seguintes es-

Vinte atividades para variar a leitura

Ziéne RIDERS

(Conclusão)

DÉCIMA QUARTA ATIVIDADE

Leitura livre da Bibliotéca será a **14.ª atividade que sugerimos. Ao me**nos uma vez por semana a classe terá a hora livre, em que lerá para recrear o espírito, sem outro objetivo que a distração, o entretimento intelectual.

Nesta hora observamos como lêem as crianças, se os bons hábitos estão atendidos ou não. Anotaremos em papel à parte cada uma das atitudes das crianças, mas não as interrompemos durante a hora livre, que lhes pertence.

Em outro dia, faremos a crítica da leitura das crianças, chamando a atenção das que leram movendo os labios ou a meia voz, que não souberam folhear os livros ou não tiveram atenção, que não chegaram ao fim da história e por que assim o fizeram. Há crianças que só folheiam os livros e olham as ilustrações. Precisamos saber onde reside a razão de assim agirem. Será que o material não lhes agrada ou estavam indispostas, cansadas?

A hora da Biblioteca deve ser a mais eficiente possivel e cabe-nos promover meios de ser a referida hora bem aproveitada e os bons hábitos de leitura firmados. Se a classe tiver a sua bibliotéca particular a hora será preenchida na própria sala.

E' comum acontecer que as crianças adiantadas ou rápidas terminem antes suas atividades e nesse caso todos os momentos livres que tiverem serão preenchidos com leitura livre.

A leitura controlada na bibliotéca, em que são apresentadas fichas dos livros lidos ou das histórias que a criança leu, fará parte de outra atividade, mais ligada à linguagem. As fichas, além de constituir documentação de um trabalho realizado com eficiência,

---

tudam a equivalência das frações; seguem-se onze cartões com problemas sôbre as medidas de comprimento, superfície e as agrárias; os oito outros trazem questões várias sôbre as medidas de volume, capacidade e pêso; há ainda cinco cartões que estudam a percentagem e juros; aparecem em outros cartões noções de geometria; finalmente no último cartão se estuda o câmbio numa viagem simulada à Bolívia e à Argentina. Êste problema foi formulado por uma aluna, quando escrevia o seu diário de viagem.

Resultado: Esta coleção foi apresentada várias vezes à classe; é a atividade preferida pelas crianças. Tendo a solução certa no verso do cartão o próprio aluno pode conhecer a natureza de seu êrro.

Percentagem da classe: 85%

Ficha da aluna M. D. S.

1.ª coleção — 1938 60% — 1940 81%.

2.ª coleção — 1940 40%.

I I— Ficha do aluno J. M. V.

I — Ficha da aluna M. D. S.

1.ª coleção — 1938 90% — 1940 96%.

2.ª coleção — 1940 80%.

Material empregado: 35 cartões com gravuras.

Descrição do cartão n.º 20.

A gravura nos mostra uma praça pública, num dia festivo. Passam automóveis conduzindo homens que são saudados pelo povo (provavelmente são representantes do Govêrno).

No fundo e ao lado da praça há crianças enfileiradas, algumas empunhando bandeirinhas.

O problema foi formudado assim:

Você vê lá no fundo as crianças fazendo ginástica? Elas estão num retângulo que tem 80 mts. de comprimento e 65 mts de largura. Quantas crianças estarão aí? o professor pediu que cada uma ocupasse um metro quadrado. Faça o cálculo.

Certa de que os problemas assim apresentados contribuiram para o desenvolvimento do raciocínio de meus alunos, apresento esta despretenciosa sugestão às bôas colegas que se deram ao trabalho de ler estas linhas.

são auxiliares que temos para conhecer as crianças, seus gostos e aptidões, suas tendências, enfim as reações cujos equivalentes devemos saber, para avaliar bem a conduta e desenvolvimento de nossas crianças.

DÉCIMA QUINTA ATIVIDADE

Advinhações e charadas. Todos nós temos a tendência da curiosidade e na criança esta tendência é muito viva, razão pela qual as advinhações e charadas são muito apreciadas.

E' preciso que procuremos material ao alcance das crianças, afim de não desanimá-las. Como nos preocupamos mais com o período de desenvolvimento da leitura, o material deve ser fácil e bem rudimentar. Podemos encontrar advinhações em livros de leitura, almanaques, revistas como o Tico-Tico e mesmo formadas por nós, pelas crianças de outras classes, que trarão trabalhos para o jornal do grupo ou para serem permutados. As ad-vinhações e charadas tanto podem ser dadas oral como silenciosamente. Oralmente tornam-se mais accessíveis de serem aproveitadas, porque basta um exmplar, ao passo que silenciosamente são necesários tantos exemplares quantas crianças de uma turma.

Nesta atividade, como em todas as outras, precisamos deixar a criança pensar, raciocinar e encaminharemos o trabalho de tal maneira que lhe não tiraremos a oportunidade de descobrir, de vencer a dificuldade, de decifrar o enígma. Para isso, devemos dar-lhe recursos e explicações para chegar ao fim desejado.

DÉCIMA SEXTA ATIVIDADE

Notícias recortadas. Aquí está a 16.ª atividade para a leitura. Os recortes de jornais e revistas devem ser colecionados com o máximo cuidado. O assunto será de interesse infantil, de acôrdo com o desenvolvimento, isto é, sua capacidade.

Há jornais que possuem um bom artigo e ao lado outro máu, impróprio para o crescimento mental da criança. Nesse caso o recorte solucionará a questão. Urge que vejamos se êste trecho contém termos difíceis ou inacessíveis a classe e se assim fôr, devemos das as necessárias explicações ou dar oportunidade do uso do dicionário antes de inisiada a leitura. Acabada a aula , os recortes serão colocados no quadro de avisos, fornecidos às outras classes e finalmente colecionados.

Esta atividade levará a criança a formar o hábito de cuidado, organização, capricho, além do intelectual e social, isto é, hábito de ler jornais e interessar-se pelo que se passa na sociedade e no mundo em geral. Agora com a guerra, que destróe a velha Europa, quanto assunto interessante os jornais nos dão! E o valor da colaboração das crianças no arranjo do material não é talvez o valor mais notável ?

DÉCIMA SÉTIMA ATIVIDADE

Jornais e revistas infantís. Houve época em que os jornais e revistas eram escassos. Hoje, não. Quase todo grupo de Minas tem o seu jornal impresso, mimeografado ou manuscrito, por isso a troca de exemplares com outras classes ou outros estabelecimentos se torna fácil. Há ainda jornais e revistas que devem ser assinados pela Caixa Escolar ou pelas crianças que se cotisarão. A leitura dêsse material poderá ser feita com nossa assistência ou não. Há crianças que gostam de levar os jornais para mostrar aos irmãozinhos em casa e ler para êles notícias.

A' hora de leitura livre os jornais e revistas vão ser distribuidos, bem como durante os momentos disponíveis nos intervalos das atividades.

Há alunos que gostam de ler em grupos e quando o exemplar é um só, fica o problema resolvido.

Sempre que possível poderemos reunir as crianças que leram o jornal e revista e pedirlhes a opinião sôbre os artigos, qual o melhor, o que mais agradou, o mais engraçado, o mais bonito.

Com esta reunião estamos ligando a leitura à linguagem falada, sendo uma aula de conversação, concorrendo ainda para que a apreciação se forme, um recurso tão necessário à vida, quando vemos o descalabro que o julgamento que se faz de fatos e as conclusões erradas que se tiram dos acontecimentos, vendo por um só prisma aquilo que poderia ser avaliado por numerosas facetas e o grave êrro de nossos dias a **generalização de um fato** — que só existe em separado. Além dêsses valores tiramos mais um — o

estímulo que êsses jornais dão a colaboração da criança ou ao desejo de formar o seu, com auxílio de outras classes, isto é, o jornal do grupo.

DÉCIMA OITAVA ATIVIDADE

Anedotas. As anedotas são fáceis de serem organizadas, mesmo porque a tradição popular é rica fonte. Como princípio a ser observado, precisamos ver se o chiste chega a ser amoral, porque nesse caso absolutamente não deve ser usado. A seleção será rigorosa neste ponto. Sendo feita com frouxidão, traz resultados negativos. Um grupo de professores poderá encarregar-se dessa parte e as anedotas uma vez criticadas, serão arquivadas para o futuro.

Precisamos abandonar o hábito muito comum de ridicularizar os sacerdotes, os estrangeiros, principalmente o português, que é nossa vítima mais próxima.

Poderemos apresentar anedotas de estrangeiros, mas de sorte que não menosprezem as raças. Há assuntos relativos à escola, ao ensino, às crianças peraltas, tão interessantes, que mesmo nós adultos os apreciamos.

Muitas das anedotas são fatos verdadeiros, apenas exagerados, como as célebres façanhas dos caçadores, cuja imaginação dá-lhes oportunidade de contar vantagens as mais disparatadas.

As anedotas prestam-se mais à leitura oral, à aula socializada ,onde a alegria, a liberdade e a espontâneidade devem reinar. O comentário será feito sempre e se houver crianças que não tenham compreendido, explicação à parte lhes será dada.

As anedotas podem ser colecionadas e fornecidas às outras classes, podendo ser ainda um número de auditório.

DÉCIMA NONA ATIVIDADE

Biografias. Bem selecionadas, as biografias constituem um material rico e desejado pela classe. Devemos iniciar pelas biografias da vida infantil dos grandes homens, principalmente os de nossa história. Êsse material é escasso, não o negamos, mas precisamos fazer um esforço e conseguir a biografia de vida infantil de Pedro II, Oswaldo Cruz, Duque de Caxias, Santos Dumont e outros.

Há povos que não descuidaram dessa parte. Desde pequenos conhecemos a vida de infância de George Washington, de Lincoln — grandes homens da Norte América.

A nós professoras cabe o dever de dar nossa contribuição à tradição da Pátria. Por que não escolher um gruoo de colegas e colher informações sôbre a vida dos nossos grandes homens e publicá-las ?

Se não sentimos com coragem de fazê-lo, procuremos estimular aqueles que o possam.

Os grandes vultos da Pátria e da Humanidade serão lembrados depois em suas vidas infantís e adultas. As crianças já no 3.º ano devem se interessar por aventuras e muitas das biografias são verdadeiras façanhas gloriosas.

Vultos como Pasteur, Jorge Stefen, Joana D'Arc, Santo Antônio e outros, constituem exemplares que devem ser lembrados e enaltecidos.

Não nos esqueçamos também da biografia dos homens beneméritos da localidade, que hajam contribuido de algum modo para o progresso de nossa cidade ou vila. Esta aula sendo de leitura, também o é de história, de civismo e de moral. Precisamos formar na infância o senso de beleza interior, acordar na alma infantil a coragem, o valor próprio, a honestidade, a persistência e a verdade. E o exemplo de uma vida bem vivida é o melhor estímulo que podemos encontrar.

VIGE'SIMA ATIVIDADE

História Sagrada. Terminaremos nosso trabalho apresentando às nossas colegas uma rica sugestão para a leitura das crianças: a História Sagrada. Por que descuidar dessa parte tão bela e tão necesária ? Já a "Ação Católica" sómente há 7 anos se tem proposto cumprir a ordem de Cristo: "Ide pelo mundo e ensinai o Evangelho", Sejamos então soldados de Cristo e ensinaremos suas belas lições à hora da leitura, usando por exemplo o livro "Uma história verdadeira", História de Cristo para crianças" ou ainda passagens do Velho Testamento que nós mesmas podemos resumir e mimeografar. A criança achará um encanto em ler a história de "Daniel e os leões", "David e Go-

CONVERSAS NO BONDE

Mestra CAROCHA

COUSAS DE ORTOGRAFIA

Já eu havia subido, quando ela chegou. Vinha afobada, quase a correr.

— Psiu!... psiu!...

O motorneiro ouviu-a e freiou o bonde, já de saída. Mostrei-lhe um lugar a meu lado. E ela, ajeitando os cabelos que esvoaçavam um pouco pelo vento e pela corrida:

— Arre! Quase o perdia.

— Iria no outro.

— Não gosto. Prefiro sempre chegar alguns minutos antes. Hoje atrasei-me porque fui procurar um professor de português. Vamos estudar um pouco de ortografia. Faz tanta falta!

— Faz falta, sim! Principalmente para nós, professoras. Surgem problemas a todo o momento.

— Pois é. Ainda ontem, com o verbo **civilizar**...

— Seus alunos já teem dêsses problemas?

— Ora se teem! E querem logo saber o porquê. Levo cada apêrto! Agora vou estudar. Começaremos amanhã. Fizemos uma turminha...

— Sim? Você, sua irmã...

— Não. Elvira não.

— Por que?

— Ela não quer, por enquanto. Está com uma classe numerosa, de 1.º ano. Diz que estudará depois, quando lecionar o 2.º ou 3.º.

— E'... Se ela não tem mesmo tempo...

— Tempo, tem tanto quanto eu. Mas eu tenho urgência. Você vê: estou com uma classe de **3.º ano!** No 1.º ano não se ensina ortografia.

— Hein?...

— Sim. Elvira não tem os mesmos problemas que nós, e...

— ... e não tem "urgência" de estudar ortografia...

— Justamente. Você não acha?

— Acho sim. Acho perfeitamente o contrário.

— O contrário? Não vê! E' porque você não sabe os apuros que passo! Meus alunos levantam questões a propósito de tudo: da leitura, do ditado, da composição... E trazem opiniões de casa, às vezes contraditórias.

E como tenho de ser juiz em tudo... A minha única saída é correr com êles para os livros. Êstes, porém, não ajudam muito.

— E'...

---

lias", "Elias, arrebatado pelo carro de fogo", História de Moisés" e outras.

Procure, nossa boa coleguinha, conhecer você mesma cada semana uma passagem da Sagrada Escritura, penetre bem nela, escreva-a depois em termos ao alcance de sua classe e dê-lha como uma joia que se oferta a um amigo.

Trate com carinho de conhecer a semente vivificadora da vida de Cristo, de seus apóstolos e além de desenvolver a leitura de seus alunos, que será seu objetivo, estará você conseguindo formar na alma da criança o sentimento religioso, o sentimento moral e dando ao coração infantil o alimento que tanto necessita. Depois, minha boa coleguinha, a Escritura Sagrada ensinada com amor não afeta a esta ou aquela religião. Aceitam-na todos as religiões cristãs tanto o católico, como o protestante, como o espírita, aplaudirão sua colaboração e Jesus que tudo vê e a todos quer sem distinção de raça, ideologia ou crença, sentirá o conforto de mais uma colaboradora de sua obra divina.

E agora, com estas vinte atividades diferentes, justificam-se as queixas de que a material de leitura é falho, o livro adotado escasso e cacete?

Poderá ouvir sem protesto que a classe não sabe ler, não gosta de leitura? Pensamos que não.

Se não fomos nesta contribuição ao ensino de leitura tão claras como desejavamos, estamos às ordens das interesadas aqui na Redação de "EDUCANDO" com prazer e com uma satisfação toda íntima de haver concorrido um pouco para a melhoria da leitura de nossas crianças nas escolas do Brasil, tão grande e tão necessitado da colaboração de todos nós.

— E então?

— Então, continuo a pensar como antes, com mais força.

— A pensar que Elvira tem **mais** necessidade de estudar ortografia do que eu?

— **Mais** ... talvez. Mas **tanto quanto**... sim.

— Não compreendo.

— E' porque ainda não pensou bem. Não vê que você tem mais facilidade em se sair dos "apuros" com sua classe, do que Elvira com a dela, de 1.º ano?

— Como?

— Como você mesma disse. "Correndo" com os alunos para os livros.

— E Elvira?

— Elvira não tem "problemas".

— Cada vez compreendo menos. Deixe de charadas. Diga de uma vez o que você está pensando.

— Pois eu estou pensando que os problemas que vocês, professoras de 2.º, 3.º e 4.º anos teem, são creados, muitas vezes pelas "Elviras" do 1.º ano.

— Não compreendo.

— E' só pensar um pouquinho.

— Prefiro que você me explique.

— Pois não. Posso ajudá-la a pensar. Você já sabe — e quem não o sabe hoje? — que nossos métodos de ensino procuram respeitar, todos êles, o princípio da globalização, baseado na percepção sincrética...

— Não é preciso falar tão difícil. Vocês, técnicas, às vezes são pedantes! Vou trocar tudo isto em miudos: a primeira impressão que se tem das coisas é sempre do **todo.** As **partes** só são percebidas mais tarde.

— Isso mesmo.

— Até aquí, não há novidade. E depois?

— Depois... Posso rabiscar a capa do seu caderno?

— À vontade.

— Pois aqui está. Olhe para estas duas palavras: **arithmetica** e **aritmética**. A fisionomia destas palavras é a mesma?

—Claro que não.

— Veja agora estas outras:

quizeram e quiseram
lampada e lâmpada
portuguez e português.

— Ora, as palavras ficam muito diferentes, é claro.

— Muito, mesmo. Note a fisionomia particular que tomam. Note, mais, que para essa fisionomia concorrem todas as letras e ainda...

— ... os acentos.

— Justamente. Olhe como o circunflexo, por exemplo, muda inteiramente a fisionomia da palavra **pêndulo.**

— E' mesmo.

— Elvira ensina a ler pelo método global, não é verdade?

— Naturalmente. Quem se lembraria ainda hoje de empregar outro?

— Quer dizer, pois, que... nada de letras isoladas, nada de abc... para começar. Primeiro, **cousas** e **fatos** e o **nome** dessas cousas e fatos escrito todo inteiro. E assim, todo inteiro, êle se torna interessante para a criança, é reconhecido, retido, copiado e, depois, "lido" e "escrito" por ela.

— Isso mesmo. E' a base do método.

— Logo, a professora de 1.º ano que não sabe ortografia, tem dois graves prejuizos.

— Um eu já sei. Apresenta à criança fisionomias erradas das palavras.

— Sim. Essas fisionomias são retidas na memória e depois... para consertar...

— Com **s** ou com **c**?

— Com **s**, menina.

— Hum!... E o segundo prejuizo?

— A professora de 1.º ano perde ótimos elementos de caracterização das palavras. Você quer maior enfeite, que melhor **marque** uma palavra do que, por exemplo, o "chapéuzinho" do **vovô** ou o agudo de **úmido**?

— Você tem razão.

— Convenceu-se?

— Completamente.

— Pois diga à Elvira que nunca deixe cair debaixo dos olhos de suas crianças fisionomias erradas das palavras.

— Vou fazer mais e melhor.

— Hein?

— Vou levá-la "urgente" para o professor de português...

E já quase no estribo, a saltar:

— Você sabe,... estamos no mesmo Grupo. — Amanhã uma turminha dela poderá vir parar em minhas mãos... Defesa própria... defesa própria...

por certo, mas o bom papai Noel que desce pelas chaminés, com as mãos cheias de presentes, não devia se importar com isso. Êle devia saber que, quando se é pobre, não se tem sempre sapatos novos.

E João Maria começou a procurar nos montes de lixo, ao longo dos caminhos até que encontrou um velho sapato sem forma e sem côr...

No canto do fogão da Granja êle colocou o velho sapato. Logo depois chegou a dona da Granja que ao se aproximar do fogão, notou-o.

— Quem foi que colocou êste "caco" de sapato aquí? Foi você, Briquete? disse ela à cachorrinha que ali estava dormindo. E tomando o velho sapato atirou-o no terreiro.

João Maria foi buscar o sapato e, tomando-o nas mãos, ficou sem saber o que fazer.

— "Eh! bôa tarde, João Maria," disse uma vozinha perto dêle.

Erguendo a cabeça êle viu junto de si a Margaridinha, uma linda criança de seis anos, filha do prefeito. Todos os dias ela vinha à Granja com uma empregada buscar o leite. Ela era gentil e tinha sempre uma palavra amável para o pobre órfão.

O pensamento de confiar seu desgosto à pequena Margarida veio ao menino. Quem sabe se ela não teria uma boa idéia? Com certeza que ela tambem iria nesta tarde colocar suas linda botinhas junto do fogão de sua casa.

Enquanto os sinos da igreja anunciavam a festa do Natal, as duas crianças conversavam em voz baixa. De repente, Margarida disse ao João Maria:

— Nada mais fácil! Dê-me o sapato.

Esta tarde eu o colocarei perto do meu, lá no fogão de casa. Não haverá perigo que alguem o jogue fóra. Amanhã cedinho você vai lá ver e eu espero. . .

Mas, chut!. . . Eis a empregada que se aproxima. A pequena corre a se reunir a ela, levando debaixo de sua capinha o sapato velho de João, toda a sua esperança.

Nesta mesma tarde a mãe de Margarida ao ver junto do mimoso sapatinho de sua filha aquele sapato torto e encolhido, perguntou à menina o que significava aquilo. Margarida, que não tinha segrêdos para sua mamãe, contou-lhe a história do pobre João Maria, assim terminando:

"Está vendo, eu pedi ao bom papai Noel para dividir entre os dois sapatos todos os presentes que êle ia me dar. A senhora acha, mamãe, que papai Noel faz o que eu pedi ?"

Voltando o rosto para enxugar uma lágrima de comoção, a mãe de Margarida não lhe respondeu logo. Que belo Natal Margaridinha lhe proporcionava sem saber! Pois nada alegra mais um coração de mãe que encontrar tanta bondade no coração de um filho.

"Sim, minha querida, respondeu ela à Margarida. Estou certa de que papai Noel assim o fará.

No dia seguinte, muito cedo, o pequeno João Maria foi bater à porta de Margarida. Com toda polidêz tirou o chapéu e perguntou pelo seu sapato. A empregada, que já tinha recebido ordens da patroa, conduziu o menino para junto do fogão onde já se encontrava Margarida.

— "Venha ver! venha ver! gritou-lhe a pequena batendo palmas, radiante!

João Maria, de boca aberta, parecia paralizado de surpresa e de alegria. O velho sapato transbordava de bonbons e de amêndoas. E no meio dos doces, tão grande como nunca havia êle visto, brilhava uma moeda de prata.

AVISO

Motivos de força maior levaram-nos a atrasar de alguns dias a saída do presente número.

Resolvemos, por isso, fazê-lo vigorar como correspondente aos meses de setembro e outubro.

Como, porém, preocupa-nos sempre salvaguardar o interêsse de nossos assinantes, resolvemos, outrosim, sejam as assinaturas contadas por **numero de publicação** e não por meses.

Associação dos Professores Primários de Minas Gerais e seus novos estatutos

(excerto)

CAPÍTULO I

Da Associação, sua séde e seus fins

ART. 1.º — Fica instituida, no Estado de Minas Gerais, com séde em Belo Horizonte, a Associação dos Professores Primários de Minas Gerais.

ART. 2.º — A Associação, de duração ilimitada, terá por fim:

a) defender os interêsses do Professorado;

b) elevar a classe por todos os meios ao seu alcance;

c) incentivar o espírito de solidariedade e união entre os seus associados;

d) favorecer o desenvolvimento intelectual e moral e a cultura pedagógica do professor;

e) prestar assistência moral e, oportunamente, pecuniária aos sócios, em caso de necessidade.

ART. 3.º — Para alcançar seus fins, a Associação representará, junto ao Govêrno ou Congresso, sôbre projetos de lei ou regulamentos referentes aos interêsses da classe e do ensino; promoverá conferências, exposições, curso de extensão pedagógica e outros meios de propaganda do ensino e educação; organizará uma biblioteca pedagógica para uso das sócias; fará circular mensalmente um boletim, revista ou jornal, sôbre as atividades da Associação e questões referentes ao ensino; manterá serviços de procuratoria com vantagens pecuniárias para os sócios; promoverá excursões nos períodos de férias, dentro e fóra do país; promoverá a criação de uma caixa beneficente, manterá estreito intercâmbio entre todos os sócios do Estado, atendendo a consultas de caráter pedagógico, que visem o aperfeiçoamento dos processos do ensino; organizará na séde um museu pedagógico, com o material colhido e selecionado nas excursões realizadas; promoverá, mensalmente, reuniões sociais de caráter recreativo e cultural; promoverá a vinda de pedagogos ilustres e de intelectuais brasileiros e estrangeiros.

ART. 4.º — O número de sócios será ilimitado.

ART. 5.º — Poderá ser membro da Associação todo professor público primário que reuna os seguintes requisitos:

a) estar em perfeito gôzo de saúde;

b) não estar sujeito a pena infamante, nem responder por processo disciplinar;

c) ter idoneidade moral e profissional.

ART. 6.º — A proposta para a admissão de sócio será feita e assinada por dois sócios, e endereçada ao presidente, que a encaminhará à Comissão de Sindicância, de cujo parecer o Conselho tomará conhecimento, afim de admití-lo ou não.

ART. 7.º — Considerar-se-á sócio empossado aquele que receber o respectivo diploma ou caderneta.

Inverter seu capital em Apólices Mineiras de Consolidação é tentar a bôa sorte e praticar, do mesmo passo, ato de boa finança.

Origem: Doação
Preço:

E' nosso desejo estabelecer permuta com revistas similares